

Ministério da Educação – MEC  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES  
Diretoria de Educação a Distância – DED  
Universidade Aberta do Brasil – UAB  
Programa Nacional de Formação em Administração Pública – PNAP  
Bacharelado em Administração Pública

## FILOSOFIA E ÉTICA

Selvino José Assmann



2009

© 2009. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Todos os direitos reservados.

A responsabilidade pelo conteúdo e imagens desta obra é do(s) respectivo(s) autor(es). O conteúdo desta obra foi licenciado temporária e gratuitamente para utilização no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil, através da UFSC. O leitor se compromete a utilizar o conteúdo desta obra para aprendizado pessoal, sendo que a reprodução e distribuição ficarão limitadas ao âmbito interno dos cursos. A citação desta obra em trabalhos acadêmicos e/ou profissionais poderá ser feita com indicação da fonte. A cópia desta obra sem autorização expressa ou com intuito de lucro constitui crime contra a propriedade intelectual, com sanções previstas no Código Penal, artigo 184, Parágrafos 1º ao 3º, sem prejuízo das sanções cíveis cabíveis à espécie.

A848f	Assmann, Selvino José Filosofia e Ética / Selvino José Assmann. – Florianópolis : Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília] : CAPES : UAB, 2009. 166p. : il.  Bacharelado em Administração Pública Inclui bibliografia ISBN: 978-85-61608-74-3  1. Filosofia – História. 2. Ética. 3. Ética profissional. 4. Administração pública. 5. Educação a distância. I. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil). II. Universidade Aberta do Brasil. III. Título.  CDU: 174
-------	--

*Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071*

**PRESIDENTE DA REPÚBLICA**

Luiz Inácio Lula da Silva

**MINISTRO DA EDUCAÇÃO**

Fernando Haddad

**PRESIDENTE DA CAPES**

Jorge Almeida Guimarães

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

REITOR

*Álvaro Toubes Prata*

VICE-REITOR

*Carlos Alberto Justo da Silva*

**CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO**

DIRETOR

*Ricardo José de Araújo Oliveira*

VICE-DIRETOR

*Alexandre Marino Costa*

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO**

CHEFE DO DEPARTAMENTO

*João Nilo Linhares*

SUBCHEFE DO DEPARTAMENTO

*Gilberto de Oliveira Moritz*

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

*Carlos Eduardo Bielschowsky*

**DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

DIRETOR DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

*Celso José da Costa*

COORDENAÇÃO GERAL DE ARTICULAÇÃO ACADÊMICA

*Nara Maria Pimentel*

COORDENAÇÃO GERAL DE SUPERVISÃO E FOMENTO

*Grace Tavares Vieira*

COORDENAÇÃO GERAL DE INFRAESTRUTURA DE POLOS

*Francisco das Chagas Miranda Silva*

COORDENAÇÃO GERAL DE POLÍTICAS DE INFORMAÇÃO

*Adi Balbinot Junior*

**COMISSÃO DE AVALIAÇÃO E ACOMPANHAMENTO – PNAP**

Alexandre Marino Costa  
Claudinê Jordão de Carvalho  
Eliane Moreira Sá de Souza  
Marcos Tanure Sanabio  
Maria Aparecida da Silva  
Marina Isabel de Almeida  
Oreste Preti  
Teresa Cristina Janes Carneiro

**METODOLOGIA PARA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Universidade Federal de Mato Grosso

**COORDENAÇÃO TÉCNICA – DED**

André Valente de Barros Barreto  
Soraya Matos de Vasconcelos  
Tatiane Michelin  
Tatiane Pacanaro Trinca

**AUTOR DO CONTEÚDO**

Selvino José Assmann

**EQUIPE DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS DIDÁTICOS CAD/UFSC**

Coordenador do Projeto  
*Alexandre Marino Costa*

Coordenação de Produção de Recursos Didáticos  
*Denise Aparecida Bunn*

Supervisão de Produção de Recursos Didáticos  
*Flavia Maria de Oliveira*

Designer Instrucional  
*Denise Aparecida Bunn*  
*Andreza Regina Lopes da Silva*

Supervisora Administrativa  
*Erika Alessandra Salmeron Silva*

Capa  
*Alexandre Noronha*

Ilustração  
*Igor Baranenko*

Projeto Gráfico e Finalização  
*Annye Cristiny Tessaro*

Editoração  
*Rita Castelan*

Revisão Textual  
*Sergio Meira*

## PREFÁCIO

Os dois principais desafios da atualidade na área educacional do país são a qualificação dos professores que atuam nas escolas de educação básica e a qualificação do quadro funcional atuante na gestão do Estado Brasileiro, nas várias instâncias administrativas. O Ministério da Educação está enfrentando o primeiro desafio através do Plano Nacional de Formação de Professores, que tem como objetivo qualificar mais de 300.000 professores em exercício nas escolas de ensino fundamental e médio, sendo metade desse esforço realizado pelo Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Em relação ao segundo desafio, o MEC, por meio da UAB/CAPES, lança o Programa Nacional de Formação em Administração Pública (PNAP). Esse Programa engloba um curso de bacharelado e três especializações (Gestão Pública, Gestão Pública Municipal e Gestão em Saúde) e visa colaborar com o esforço de qualificação dos gestores públicos brasileiros, com especial atenção no atendimento ao interior do país, através dos Polos da UAB.

O PNAP é um Programa com características especiais. Em primeiro lugar, tal Programa surgiu do esforço e da reflexão de uma rede composta pela Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), do Ministério do Planejamento, pelo Ministério da Saúde, pelo Conselho Federal de Administração, pela Secretaria de Educação a Distância (SEED) e por mais de 20 instituições públicas de ensino superior, vinculadas à UAB, que colaboraram na elaboração do Projeto Político Pedagógico dos cursos. Em segundo lugar, esse Projeto será aplicado por todas as instituições e pretende manter um padrão de qualidade em todo o país, mas abrindo

margem para que cada Instituição, que ofertará os cursos, possa incluir assuntos em atendimento às diversidades econômicas e culturais de sua região.

Outro elemento importante é a construção coletiva do material didático. A UAB colocará à disposição das instituições um material didático mínimo de referência para todas as disciplinas obrigatórias e para algumas optativas. Esse material está sendo elaborado por profissionais experientes da área da administração pública de mais de 30 diferentes instituições, com apoio de equipe multidisciplinar. Por último, a produção coletiva antecipada dos materiais didáticos libera o corpo docente das instituições para uma dedicação maior ao processo de gestão acadêmica dos cursos; uniformiza um elevado patamar de qualidade para o material didático e garante o desenvolvimento ininterrupto dos cursos, sem paralisações que sempre comprometem o entusiasmo dos alunos.

Por tudo isso, estamos seguros de que mais um importante passo em direção à democratização do ensino superior público e de qualidade está sendo dado, desta vez contribuindo também para a melhoria da gestão pública brasileira, compromisso deste governo.

*Celso José da Costa*  
*Diretor de Educação a Distância*  
*Coordenador Nacional da UAB*  
*CAPES-MEC*

# SUMÁRIO

Convite para pensar.....	9
--------------------------	---

## **Unidade 1 – O que é Filosofia**

O que é filosofia?.....	19
A atitude filosófica.....	20
Especificidade do conhecimento filosófico.....	23
Os gregos inventam a filosofia.....	25
O sentido da filosofia.....	28
Características gerais da História da Filosofia.....	36
A filosofia antiga.....	37
A filosofia medieval.....	39
A filosofia moderna.....	46
Sócrates e Platão: um confronto entre dois modos de entender a filosofia.....	61
A concepção socrática de filosofia: busca de sabedoria.....	62
A concepção platônica de filosofia: encontro da sabedoria.....	67

## Unidade 2 – Ética

Sobre a ética, a partir da crise ética.....	85
Ética e moral.....	86
Ética antiga, medieval e moderna.....	91
Ética da convicção e ética da responsabilidade.....	99
Afiml, o que é ética?.....	107
“Crise ética” e “crise da ética”.....	110
Dificuldade atual de formular uma ética.....	112
A ética e a política.....	117
Poder, política e ética.....	118
Duas concepções de poder.....	123
O poder como relação entre seres humanos.....	126
Poder e liberdade.....	129
O problema ético, a “ética profissional” e a responsabilidade social na Administração Pública Brasileira.....	136
Administração pública brasileira e ética.....	143
Considerações finais.....	156
Referências.....	162
Minicurriculo.....	166

## CONVITE PARA PENSAR

Tudo corre. Escorre. Tudo muda. Até na universidade professores e alunos correm cada vez mais. Nada permanece. Tudo é líquido. E todos corremos. Se não o fizermos, outros passarão por cima de nós, e seremos considerados preguiçosos ou incompetentes. Mas em geral não sabemos para onde corremos, mesmo que daqui a pouco, não se sabe quando, venhamos a dar de cara com a morte. Inevitavelmente. E ficamos produzindo, fazendo coisas...

Precisamos ser competentes tecnicamente para que alguém nos dê um lugar, um emprego, mas também flexíveis, maleáveis, para podermos nos adaptar sempre ao que se nos pede. Nós, todos nós sem exceção, é que devemos adaptar-nos, e não o mundo a nós, pois o mundo é assim como é. Paradoxalmente, o mundo que parece mudar tanto, parece também ser inflexível e imutável. É preciso mover-se, a rede é vasta, os compromissos são tantos, as expectativas muitas, as oportunidades abundantes, e o tempo é uma mercadoria rara...

A vida se torna uma loja de doces para apetites transformados, até pelo *marketing*, em voracidade cada vez maior. Estamos sempre na beirada entre estar dentro e estar fora, entre ser “incluído” e poder ser “excluído” a qualquer hora. Temos que estar atentos, correndo o risco da depressão, sempre. A insegurança é nossa companheira permanente, na companhia de gente insegura. Sei que do meu lado também há gente tão insegura quanto eu. Belo consolo! Mas isso, em vez de criar solidariedade entre os inseguros, aumenta a indiferença, a irritação, a vontade de competentemente empurrar para longe todos os concorrentes ao

meu lado. Em vez de cerrar fileiras na guerra contra a incerteza, todos querem que os outros fiquem mais inseguros, abandonem o barco e o deixem mais tranquilo para mim. E se diz que isso é a insofismável lei do mercado, que isso é assim, *that's it*, como um tempo dizia a propaganda de um refrigerante conhecido: esta é a razão das coisas, é uma necessidade, e basta. Isso é liberdade. Mas não há escolha! Temos a sensação de nunca termos sido tão livres e, ao mesmo tempo, a percepção de que somos totalmente incapazes de mudar algo.

Sob outro aspecto, sentimo-nos vivendo em um mundo no qual, claramente, vale o privado, o interesse privado, e não o público, nem o interesse público. Ou então, temos uma visão muito paradoxal da relação entre público e privado: por um lado, tudo o que está diretamente situado como público aparece demonizado, como se fosse o lugar do mal, da indecência, lugar em que seria impossível fazer o bem, lugar em que só há interesses privados. E isso ocorre ao mesmo tempo em que consideramos o âmbito privado como um âmbito no qual se faz o bem sempre, no qual tudo é legítimo ou justificável. Como conciliar isso? Certamente tudo isso mexe na visão que se tem da política e do político, do Estado, do serviço público, do funcionário público de governos municipais, estaduais e federais, na visão que se tem da administração pública em geral.

Exemplo desta visão sobre o que é público e sobre a função do Estado e do serviço público é o que disse Margareth Thatcher, ao exercer recentemente o cargo de primeiro-ministro da Inglaterra, defendendo o reinado absoluto da flexibilidade. Ela disse sem eufemismos: *“Não existe esta coisa chamada sociedade”*. Só há indivíduos, homens e mulheres como indivíduos, e pronto! E o Estado? Deve ser uma instituição que deve funcionar como empresa eficiente a serviço do interesse dos indivíduos. O governante deve ser meramente um gestor, nada mais. O Estado deve, pois, ser exclusivamente um meio para fins privados. A política também deve ser apenas meio. E os outros seres humanos? Estes só importam se me servem, individualmente, para alguma coisa. Mas quando todos os outros são apenas meios, também eu sou transformado em puro meio pelos outros, inevitavelmente...

Nesta situação de insegurança, de pretensa primazia do privado e do indivíduo como tal, em que, paradoxalmente, sobra pouca alternativa, individual ou social, para mudarmos algo ao nosso redor e dentro de nós, como ficam os administradores tanto públicos quanto privados? Ousaria dizer que eles administram, gerem, executam, organizam a execução de tarefas que em geral não são determinadas por eles mesmos, mas por outros, e têm que ser competentes. Do contrário serão jogados para fora do jogo, da corrida que está acontecendo globalmente, cada vez mais globalmente. Também os administradores devem correr. E saber apresentar-se, oferecer-se, vender-se no mercado. E deixar-se comprar também. Devem ser “líquidos”, flexíveis, amoldando-se cada dia a novas exigências estabelecidas não se sabe por quem, mas exigências consideradas “naturais”, ou melhor, estabelecidas pelo mercado, este estranho senhor sem identidade que é poderoso como ninguém e que tem suas leis, que está em todo lugar, que não deixa ninguém fora de seu controle, não dá trégua a ninguém, e nem dá tempo para nada mais do que ficar correndo a seu serviço. Até que ele nos diga: “você não me serve mais”! “Você é supérfluo. Você atrapalha!”.

Inclusive o Estado, o aparelho estatal, os serviços públicos, quando deixam de ser úteis ao mercado, fazem com que os seres humanos sejam jogados à margem e obrigados a se contentarem em esperar a morte chegar; e às vezes até há gente que fica torcendo para que isso aconteça o mais rápido, para não atrapalharmos o trânsito e o funcionamento do mercado. E se alguém morrer, que morra, não em casa, mas no hospital especializado, “dignamente” (a morte pode ser digna?!), para não atrapalhar o sistema de produção, a que o Estado deve servir, e para nos ajudar a esquecermos que também nós iremos morrer.

Tudo isso se tornou normal. Cinicamente, duramente normal. E se diz que não pode ser diferente. Que a história não pode mais mudar, ou até já terminou. Que estamos na fase final da história. E – repito – todos passamos a viver como se nada pudesse ser mudado nesse modo de ser das coisas, e que só nos resta uma coisa: nos iludirmos de que somos livres enquanto nos adaptamos ao que existe!

Diante de tudo isso, de que adianta pensar? Pensar nos faz mal, impedindo que sejamos competitivos. Pensar causa transtorno no tráfego. Pensar nos faz parar, nos leva provavelmente a sermos expulsos da corrida por incompetência, por falta de flexibilidade e de produtividade. Ou então – como diriam os franceses que inventaram o *prêt-à-porter* (*pronto para usar*) – agora temos o *prêt-à-penser*. É só pagar que o mercado já oferece tudo pensado, para ser usado. Por isso, os livros mais lidos são os de “autoajuda”, que têm receitas precisas para tudo, para nosso corpo e nossa alma. E não gostamos dos livros que nos fazem pensar e nos convidam a nos colocar em jogo por nossa própria conta e risco.

A globalização nos possibilita o acesso cada vez maior a informações, e maior possibilidade de comunicação. Mas isso de modo algum parece favorecer uma visão mais crítica do que acontece, nem favorece maior comunicação de fato. E quando as ofertas são demasiadas, as escolhas parecem diminuir em vez de aumentar, sobretudo porque o assédio das informações impede que pensemos. Neste contexto, podemos afirmar que nossa civilização atual parou de se questionar, parou de pensar. E que é esse o nosso problema fundamental, pois o preço do silêncio passa a ser pago na dura moeda do sofrimento humano.

Pode até ser que nos sintamos mais “felizes”, pois nos sentimos mais competentes e mais criativos para satisfazer nossos desejos, tanto no supermercado dos sabonetes e dos vinhos, quanto naquele dos desejos sexuais. Só que esta felicidade tem tudo para ser superficial, insatisfatória, a ponto de ser instigante a afirmação de um atento leitor do que nos acontece hoje, como Umberto Eco: **“Alguém que é feliz a vida toda é um cretino; por isso, antes de ser feliz, prefiro ser inquieto”**. E ser inquieto é, neste caso, não se deixar engolir pela lógica que estamos descrevendo, é tentar pensar também.

Com Zygmunt Bauman (BAUMAN, 1999, p. 11), ousamos arrematar: “Questionar as premissas supostamente inquestionáveis do nosso modo de vida é provavelmente o serviço mais urgente que devemos prestar a nossos companheiros humanos e a nós mesmos”. Talvez nem sempre saibamos quais são as perguntas mais

importantes que devemos fazer, ou então, nós que nos achamos tão estupendamente “modernos”, “criativos”, nos damos conta que estamos repetindo as mesmas perguntas que já se fazem há séculos, há milênios. E esquecemos as respostas já dadas ou os silêncios, sem resposta, já manifestados. Já que o passado não interessa, nem o futuro, mas só o presente, este pode nos enganar a respeito de nossa originalidade e podemos achar que estamos mudando sempre. Claro que mudam certas coisas, por exemplo, melhora nossa capacidade técnica. E o que mais? Nossa “humanidade” também? Nossa liberdade? Nossa felicidade? Por isso, faz bem incluímos em nossa pergunta pelo que está acontecendo hoje, uma referência ao que aconteceu ontem. E faz bem também perguntarmos: por que será que paramos de sonhar e renunciamos às energias utópicas? Como sabem os historiadores, há um duplo movimento na compreensão histórica: o presente pode ser iluminado pelo passado, mas também o passado acaba sendo melhor compreendido a partir do presente. E isso nos fornece um elemento a mais para podermos pensar no que acontece e nas possibilidades que temos para mudar o presente.

Parece que nos esquecemos de que nós, seres humanos, temos como marca o fato de sermos “seres que falam”; bem mais, ou não só, seres que fazem, como disse Aristóteles; que somos frágeis, perdendo em força física, sob todos os aspectos, para algum animal, mas somos “caniços pensantes” (Pascal). Por mais que repitamos que esta é a era de Aquário, a era do conhecimento, certamente não é a era do pensamento, da profundidade, da reflexão. Até porque não temos tempo a perder. E além de tudo, como já dissemos, pensar é perigoso, para quem pensa e para quem está do lado de quem pensa, pois nos pode fazer perder o lugar no mercado, que precisa produzir e consumir, objetos, coisas, e onde até os seres humanos devem ser só produtores e consumidores. Nada mais.

Pois bem: é nesta paisagem que apresentamos um livro-texto que pretende ser um **Convite para pensar**, convite feito aos estudantes e às estudantes do Curso de Bacharelado em Administração Pública a distância. Escolhi alguns temas para pensar. E pensar é uma atividade realmente pessoal, por mais que

no diálogo com o passado e no debate com os nossos contemporâneos se possa pensar mais e melhor. Mas, dito de forma sintética, este convite para filosofar é antes de mais nada um convite para responder à pergunta: o que está acontecendo comigo e com os outros no mundo hoje?

Mais do que apresentar um texto cheio de informações (conceitos, doutrinas, nomes) sobre a riquíssima tradição do pensamento filosófico ocidental, que já tem 2.500 anos, consideramos preferível escolher alguns temas, como o do próprio conceito de filosofia, e de outras formas de conhecimento humano (como o senso comum e a ciência), com algumas informações gerais sobre a História da filosofia (Unidade 1); como o da ética, sua crise e suas dificuldades teóricas, incluindo o debate em torno da relação entre ética e política, e do poder e sua relação com a liberdade, pois, afinal, a administração é sempre exercício de poder (Unidade 2). Trata-se de uma escolha, sem a pretensão de ser a melhor, e menos ainda de dar conta da filosofia como tal. Pensamos que assim podemos dar uma ideia geral da filosofia em sua história e do valor de uma atitude filosófica, que nos leve a pensar mais sobre o que somos nós, seres humanos, sobre o ser humano como problema e como solução, sobre o ser humano como profissional, como gente, como indivíduo e como membro de uma comunidade local, regional, nacional e cada vez mais cosmopolita ou “global”.

Embora não tenhamos a pretensão de responder exaustivamente a todas as questões importantes da filosofia, para organizar o texto seguimos o roteiro sugerido por Kant, talvez o maior pensador moderno, ao apresentar as quatro perguntas fundamentais para definir a atividade filosófica. A primeira pergunta é: “o que é possível conhecer?” (os conceitos de filosofia, de ciência, de teologia e de senso comum). A isso nos referimos sobretudo na Unidade 1. A segunda: “o que devemos fazer?” encontra resposta na ética e na política. A Unidade 2 procura responder a esta pergunta, incluindo também nesta Unidade aspectos da terceira pergunta, que, para Kant, é a seguinte: “o que nos é lícito esperar?”, e aí temos a ver com a questão da religião. A quarta pergunta, a mais difícil de responder, é a síntese das três perguntas anteriores: “o que é o ser humano?”, e

está presente, de algum modo, em todo transcorrer do texto que aqui apresentamos.

Seguiremos este caminho na companhia de alguns autores ou companheiros – e poderia ser com tantos outros, esperando que todos os leitores e leitoras se sintam bem e, quem sabe, ao final, com mais vontade de continuar a viagem reflexiva do que ao ler esta Apresentação.

Obviamente não será uma disciplina de filosofia que irá tornar os futuros administradores públicos novos “especialistas” em filosofia. Insisto: interessa não tanto que o administrador se torne um [filósofo](#), conhecendo um conteúdo determinado, muito vasto. Muitos textos clássicos estão aí disponíveis nas livrarias, e cada vez mais na internet. Pode ser bom – e talvez os que formularam o currículo mínimo do curso de Administração pensassem nisso ao incluir a Filosofia – que o administrador também seja estimulado a pensar por própria conta e risco, como diziam os Iluministas modernos. *Aude sapere!* Ousa saber! Aliás, se queremos tanto ser modernos, ou ser críticos, independente da profissão, como cidadãos, não há outra saída senão pensar também.

Claro que nem todos gostarão, com a mesma intensidade, deste convite para pensar; talvez alguns até nem gostem dele e considerem “chato” ter que “estudar filosofia”, estudar estas “bobagens”, estas coisas inúteis. Certamente a filosofia não serve para nada. Pensar não serve para nada. Concordo. Mas quem disse que são importantes só as coisas que servem, as coisas que são meios para alguma coisa? Para que serve a liberdade, que tem na política (ou deveria ter nela) o seu lugar por excelência? Para que serve a felicidade? Para que serve o amor? Para que serve o prazer sexual? Para que serve a amizade? Se estas coisas forem apenas meios, certamente serão menos importantes. Mas se tais “coisas” forem valiosas por si mesmas, certamente teremos muitos motivos para pensar mais e melhor. Só para dar um exemplo: se um amigo servir como meio para fazer mais dinheiro, quando se conseguir o dinheiro, acabará a amizade; se o amigo servir para nos trazer mais



### Saiba mais

### Símbolo da Filosofia

A coruja, Ave de Minerva, é o símbolo da Filosofia, consagrado, sobretudo, a partir de Hegel. Ele escreveu que, assim como a coruja levanta vôo ao anoitecer, também a Filosofia e os grandes filósofos surgem em momentos em que a sociedade humana começa a anoitecer, a entrar em crise...



prazer, neste caso, conseguido o prazer, acaba a amizade; mas se este amigo for mais que um meio, e a amizade for de fato um valor para ambos os amigos, que mutuamente se tornam mais exigentes, e conquistam assim também o prazer de serem amigos, então percebemos que a amizade é mais que meio para outras coisas, e se torna ela mesma um fim. É disso que falamos quando dizemos que a filosofia não serve para nada, ou que tem valor em si mesma.

Contudo, ninguém é obrigado a pensar, nem a ter a coragem de pensar! E pensar não dá dinheiro, certamente, ou nunca tornará o dinheiro um fim a alcançar. Pensar é uma atitude improdutiva, “coisa inútil” no mercado. Além do mais, pensar é perigoso, como já disse. Acho, porém, que vale a pena correr este risco, pois se poderá perceber que o mundo que temos não é o único possível nem o melhor dos mundos, levando-nos quem sabe a resistir ao que nos parece acontecer de maneira inevitável, instigando-nos a ficar mais atentos para as brechas que podem surgir e nos surpreender cá e lá, sugerindo, quem sabe, mudanças mais substantivas, dentro de nós e entre nós, e não apenas na nossa capacidade de produção e de consumo. Neste sentido, pensar é um jeito de cada um cuidar de si. E se cada um cuidar melhor de si, a nossa convivência com os outros poderá ser mais agradável. E certamente o serviço público será mais responsável também.

Lembro de muito bom grado a sabedoria de Aristóteles: “com amigos se pensa e se age melhor” (*Ética a Nicômacos*, 1155 a. 3, Brasília, Edit. UnB, 1999, p. 153). E aqui se fala da amizade que é fim, conforme se disse acima. Por isso, repito o convite para pensar: a aceitação do convite pode tornar a vida mais interessante, mais leve e mais profunda, embora menos produtiva e menos consumível. Neste caso, aristotelicamente, poderei confirmar, mais uma vez: pensar vale a pena!

O convite está feito, e espero que você, estudante, possa acompanhar o texto, em cada uma de suas Unidades, deixando-se provocar por ele e por seu desejo de conhecer um pouco mais o mundo em que vivemos e a si mesmo.

*Professor Selvino José Assmann*

# UNIDADE 1

## O QUE É FILOSOFIA

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS DE APRENDIZAGEM

Ao finalizar esta Unidade você deverá ser capaz de:

- ▶ Distinguir e relacionar filosofia com filosofar;
- ▶ Apresentar as características básicas de cada período histórico da filosofia, tendo em conta a ideia central de cada período;
- ▶ Entender a importância da filosofia frente às outras formas de conhecimento humano (fé religiosa, senso comum, ciência...)
- ▶ Identificar a distinção entre a filosofia como verdade já encontrada ou como doutrina (Platão), e a filosofia como busca da verdade, ou seja, como ato de pensar (Sócrates); e
- ▶ Compreender a importância que a filosofia pode ter na vida prática dos seres humanos.



## O QUE É FILOSOFIA?

Caro estudante, estamos iniciando a disciplina de Filosofia, e esta primeira Unidade é uma reflexão sobre o que ela representa constituindo-se assim um importante referencial para embasar as próximas Unidades.

Leia com atenção e, se tiver dúvidas, releia e busque esclarecê-las nas indicações de Saiba mais e também junto ao Sistema de Acompanhamento; e vamos juntos construir nosso conhecimento. Sobre tudo, procure pensar você mesmo.

No seu sentido mais comum, o substantivo **filosofia** ou o verbo **filosofar** tem a ver com **pensamento** ou com o **ato de pensar**.

Filosofar é pensar sobre o que nos acontece, sobre o sentido do que nos acontece ou sobre o significado da vida humana ou da vida biológica como tal. Diz-se assim que se tem uma “filosofia de vida”. Mas este significado do termo certamente é muito amplo e vago. Até mesmo pensar não é a mesma coisa para todos.

Há um sentido menos comum, em que **filosofar** significa **saber viver**, ou melhor, saber viver com sabedoria, de acordo com uma doutrina, com uma Filosofia. Assim há, por exemplo, **sabedorias** diferentes daquela ocidental. Por isso se fala dos sábios orientais Confúcio e Lao Tsé (China), Buda (Índia) e Zaratustra (Pérsia), mas as suas doutrinas ainda estão vinculadas à religião, e não caracterizadas por uma exclusiva racionalidade.

Existe, porém, um sentido mais específico e preciso de filosofar: procurar e/ou encontrar a verdade por meio de uma atividade racional. E a gente encontra a verdade porque precisa e deseja saber a verdade. E a verdade é necessária para viver. Mas nem todas as perguntas que fazemos são perguntas filosóficas, como nem todas as respostas são respostas filosóficas. Não é “filosófico” saber “que dia é hoje?”, mas é filosófico perguntar “o que é o tempo?” O que é a verdade? O que é a mentira? O que é a liberdade? O que é a razão? São todas perguntas filosóficas. E sabemos que nem todos estão acostumados a fazê-las e tampouco consideram que sejam perguntas importantes.

## A ATITUDE FILOSÓFICA



### Saiba mais

### Filósofo



Uma das imagens mais conhecidas para representar o filósofo é a do escultor francês Auguste Rodin (1840 - 1917) “O Pensador”

Fonte: <<http://homepage.mac.com/oscarmv/Kitsune%20Monogatari/C908379346/E20050630164305/Media/pensador.gif>>. Acesso em: 12 jun. 2008.

Embora a filosofia também consista em um determinado conteúdo de conhecimentos acumulados durante dois mil e quinhentos anos, que resultaram em uma multiplicidade de fragmentos e de livros, podemos dizer que **filosofar** é ter uma **atitude filosófica**. Mesmo que digamos que “de [filósofo](#) e louco todos têm um pouco”, de fato são poucos os que têm esta atitude, exigindo-se para isso o conhecimento dos textos da História da Filosofia, mas também a criação do hábito de pensar de maneira rigorosa e crítica. Falamos, portanto, aqui da Filosofia que

quebra com o nosso saber prático do dia a dia, e que nem sempre nos agrada, pois à primeira vista parece ser perda de tempo ou incômodo exagerado com as coisas, deixando-nos, quem sabe, angustiados demais, para além do conveniente.

Filósofo é quem não se contenta com as coisas óbvias.  
É quem toma distância em relação ao que acontece,  
para entender melhor o que acontece.

O antropólogo e educador brasileiro **Darcy Ribeiro** (1922-1997) repetiu que **pensar é questionar o óbvio**. Assim, o filósofo parece desligado da realidade, vivendo nas nuvens, em coisas abstratas, distraído, perdido ou aparentemente alheio aos problemas concretos da vida. Reconhecemos também, em geral, que a atitude filosófica se confunde com uma **atitude crítica**, que – diga-se de passagem – não devemos confundir com “falar mal”, mas identificar como sendo a capacidade de perceber melhor o que estamos querendo conhecer, e aí podemos perceber se isso é um mal ou um bem. Neste contexto, o **filósofo é inimigo mortal de qualquer fanatismo, de qualquer dogmatismo**.

Como exemplo da visão depreciativa da filosofia temos a história do antigo sábio grego chamado Tales que, ao olhar para o céu a fim de entender os movimentos das estrelas, acabou caindo num poço. Ou com uma definição, ou ditado popular italiano, bastante conhecido: **“a Filosofia é a ciência com a qual ou sem a qual tudo continua tal e qual!”**

Por mais que haja uma visão pejorativa a respeito dos filósofos e da filosofia, também é verdade que nunca se desconheceu a importância histórica e teórica da atividade filosófica. Não precisamos de muito para perceber que só povos historicamente importantes apresentam grandes pensadores. Por que isso? Mais ainda: podemos facilmente constatar que só existem grandes pensadores em momentos históricos importantes da vida de um povo. Um exemplo disso é o fato de haver grandes pensadores na Itália precisamente na Renascença, e não tanto depois, ou o fato de haver grandes filósofos na Inglaterra e na França dos séculos XVII e XVIII, e não antes nem depois. Ou que aparecem filósofos importantes nos Estados Unidos a partir do século XX, e não antes. Nesta mesma perspectiva, poder-se-ia dizer que o Brasil e os demais países da América Latina até hoje nunca proporcionaram um grande filósofo nem sequer uma importante doutrina filosófica.

Um povo que não tem um grande filósofo ou filosofia não é autor de sua própria história, mas simplesmente imitador da história de outros povos ou culturas.

Todo filósofo é, por assim dizer, um porta-voz consciente de um povo, e nunca apenas um gênio tomado isoladamente. Hegel o dizia de maneira melhor: **cada filosofia é o próprio tempo em pensamento, e cada filósofo é, portanto, alguém que pensa o próprio tempo a partir da sociedade em que vive. Filósofo não inventa a realidade, mas interpreta a realidade em que vive. Ele eleva a um conceito o que é real.**

Claro que podemos ter filósofos que privilegiam uma visão mais conservadora do próprio tempo ou do próprio povo e outros - talvez mais raros na História da Filosofia - que acentuam a crítica à própria situação e por isso são mais utópicos. Mas nenhum pensador se tornou importante ou se tornou um **clássico** deixando de se preocupar com a própria situação, com as raízes do que acontece. Por isso, se pode afirmar que toda filosofia é e deve ser **radical**, pois não se contenta em ficar na superfície das coisas, mas procura ir às raízes (por isso, radical), busca desvendar os porquês das coisas.

O filósofo faz perguntas do tipo: o que é a realidade? Como a realidade é? Por que a realidade é assim? Ele procura a essência, o significado e a origem do que quer conhecer. **Essência** é aquilo que torna uma coisa aquilo que ela é. Por isso toda definição sempre tem a ver com a essência. Por exemplo, para definirmos o ser humano como “animal racional”. Neste caso, a essência humana consiste em ser animalidade e racionalidade. Não é, pois, da essência humana, ser da raça branca ou amarela ou negra, assim como não pertence à essência de uma flor o fato de ser amarela ou vermelha.

O filósofo reflete. Falar de **reflexão** lembra o espelho no qual a gente se reflete. Pois bem: filosofar é refletir. É um movimento de volta sobre si mesmo. Refletir é pensar o próprio pensamento. Refletir é, por exemplo, tomar o próprio eu como objeto de compreensão. Sujeito é quem é capaz de ser objeto para si mesmo.

É isso que distingue o ser humano dos animais, que são incapazes de se verem como objeto... É esta capacidade humana que nos distingue dos seres animais: se dissermos que os animais conhecem, os seres humanos conhecem que conhecem, sabem que sabem. Por isso somos capazes de rir de nós mesmos. De toda forma, quem prefere uma vida tranquila, uma vida mais grudada ao cotidiano, ao terra-a-terra, fica longe da Filosofia. E quem quer alcançar maior profundidade, quem gosta de chegar às raízes, ser mais radical, vai precisar dela, mesmo que isso não lhe venha a trazer certezas ou tranquilidade... e talvez nem felicidade.

O pensador alemão contemporâneo Theodor Adorno disse que só se põe a filosofar quem suporta a contradição, o conflito. Quem gosta de tranquilidade, não vai querer fazê-lo.

*Talvez devamos afirmar que o filósofo é quem assume correr o risco de viver mais inseguro, ter cada vez mais perguntas, e não respostas.*

Esta atitude filosófica deve ser claramente separada da mera opinião ou dos gostos pessoais. Não é filosófico dizer “eu acho que”, “eu gosto de”... A filosofia estabeleceu-se como saber lógico, rigoroso, concatenando as afirmações entre si, superando, como dissemos, o senso comum.

## ESPECIFICIDADE DO CONHECIMENTO FILOSÓFICO

Vamos insistir ainda mais em compreender o que é a filosofia, embora possamos afirmar que só sabe bem o que é filosofar quem realmente o faz. Com a pensadora brasileira **Marilena Chaui**, que nos serve de apoio para várias observações feitas nestas páginas, podemos dizer que, do ponto de vista mais específico, a filosofia se apresenta com quatro definições gerais:

- ▶ em primeiro lugar, falamos de **visão de mundo** de um povo, de uma cultura. Visão de mundo é um conjunto de ideias, de valores e de hábitos práticos de um povo, que fazem com que se defina uma identidade do povo. Mas definir assim a Filosofia nos faz confundir com cultura, o que não convém;
- ▶ em segundo lugar, identifica-se a filosofia com a **sabedoria de vida**, ou como “filosofia de vida”. Neste caso provavelmente incluiríamos como “filosofias” o Budismo, o Cristianismo, e não conseguiríamos distinguir entre filosofia e religião, o que também não convém;
- ▶ em terceiro lugar, filosofia é **esforço racional, sistemático, rigoroso**, para conceber o Universo como uma totalidade ordenada e dotada de sentido (CHAUI, 1995, p. 16). E esta definição corresponde mais claramente com a História da Filosofia. Assim conseguimos perceber a diferença entre religião e filosofia. Aquela tem por base a fé, pela qual se aceitam verdades não demonstráveis e que tantos considerarão até mesmo irracionais. Claro que isso não significa que, sob todos os pontos de vista, as verdades de fé não sejam aceitáveis, ou até mesmo razoáveis, como tentou fazer um pensador da qualidade de **Tomás de Aquino**, que se esforçou por mostrar que as verdades cristãs não eram contrárias à razão; e
- ▶ em quarto lugar, a filosofia é admitida como **fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas** (CHAUI, 1995, p. 17): ela preocupa-se costumeiramente com os princípios do conhecimento (por exemplo, do conhecimento científico, o que chamamos **epistemologia** ou **teoria do conhecimento científico**), com a origem, a forma e os conteúdos dos valores éticos, políticos e estéticos.

Assim, a filosofia **é reflexão, é crítica, e é análise**. Mas isso não a torna sinônimo de ciência, mas uma reflexão crítica sobre a ciência; não a torna uma religião, mas uma análise crítica sobre o sentido da experiência religiosa e sobre a origem das crenças; nem a identifica com a psicologia, com a sociologia, a história ou a ciência política, por mais que estas ciências do fenômeno humano tenham parentesco histórico com ela. Neste caso, se costuma dizer que **as ciências humanas (e as ciências em geral) estudam “o quê” e o “como” dos fenômenos, enquanto a filosofia estuda o “porquê” e o “que é”, os conceitos**.



Veja mais informações sobre esta temática na seção Complementando.

### Complementando.....

Veja mais informações sobre o que é filosofia nos textos indicados a seguir.

- 📌 EWING, A.C. *O que é filosofia e por que vale a pena estudá-la*. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/ewing.htm>>. Acesso em: 3 ago. 2009. Não deixe de ler este artigo interessante.
- 📌 CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995. Sugere-se a leitura da Unidade 1 – A Filosofia, para aprofundar a temática e confrontar com o que se diz aqui. O livro está acessível na sua íntegra em: <[www.cfh.ufsc.br/~wfil/textos.htm](http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/textos.htm)>. Vale a pena!

## OS GREGOS INVENTAM A FILOSOFIA

A filosofia, essa forma de conhecimento sistemático, tem uma história de mais de dois mil e quinhentos anos. Nascida na Grécia Antiga, ali se consolidou, tornando-se uma das principais marcas da civilização ocidental.

Os gregos, desde os primórdios (por volta de 1500 a. C., com a civilização micênica), se concentraram nas costas do Mediterrâneo em pequenas e distintas nações, constituindo posteriormente cidades independentes e rivais entre si. Cada cidade com sua cultura, seus hábitos, sua política. Mesmo assim, foi criada uma comunidade de língua e de religião, o que fez com que se

**Saiba mais****Genialidade grega**

Você poderá informar-se mais sobre Homero, Tales de Mileto, Heráclito de Éfeso, Parmênides de Eléia, Pitágoras, Sólon, Péricles, Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Heródoto, Tucídides, Sócrates, Platão, Aristóteles, e sobre Estóicos, Epicuristas e Céticos, em algum livro de História da Filosofia, ou então, mais facilmente, pela Internet, cuidando para escolher *sites* de qualidade.

**Atenas**

Por menor da “Escola de Atenas”.

Fonte: Il Rinascimento Italiano e L’Europa. Volume Primo Storia e Storiografia (2005, p. 691).

constituíssem em um povo, aos quais se opunham todos os que não falavam o grego. Eram os bárbaros, e “bárbaro” significa precisamente aquele que não fala o grego.

A genialidade grega, reconhecida historicamente – alguns falam do “milagre grego” –, foi afirmada por Homero, pintores, escultores, ceramistas, e pelos primeiros nomes da Ciência e da Filosofia: Tales de Mileto, Heráclito, Anaximandro, Xenófanes e Parmênides. Além da região conhecida como Grécia, havia também a Magna Grécia, incluindo partes do sul da Itália peninsular (Tarento, Nápoles, Crotona) e insular (Siracusa, Agrigento, cidades da Sicília). Ali viveram pensadores como Pitágoras, Empédocles, e foi para Siracusa que depois viajou Platão para tentar aplicar sua teoria.

Entre as cidades-estado foi consolidada, por volta dos séculos VI e V a. C., a importância de Esparta e Atenas, esta última realizando e sofrendo grandes alterações sociais e políticas, com Sólon, Clístenes e Péricles, e com o

desenvolvimento do comércio e a expansão da colonização grega.

*Você lembra da Guerra do Peloponeso (431-401 a. C.), entre Atenas e Esparta, através da qual se afirmou a superioridade da primeira?*

Atenas criou a democracia direta, e neste contexto surgem as artes, as tragédias e as comédias. Depois disso se consolida em Atenas a Filosofia, mostrando que a vida da cidade, a política, é um chão propício no qual pode germinar melhor a atividade filosófica. É em Atenas que vivem os grandes trágicos Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, o autor de comédias, Aristófanes, e os

primeiros historiadores, Heródoto e Tucídides. Na mesma cidade, os filósofos Anaxágoras e Demócrito lecionaram, assim como fizeram os sofistas, os primeiros professores que se fizeram pagar pelo ensino. E depois, os **três maiores expoentes da filosofia grega: Sócrates, Platão e Aristóteles**. Sócrates (470/469-399 a. C.), condenado à morte por um governo tirânico, o seu discípulo Platão (428/427-348/347 a. C.), fundador da Academia, e Aristóteles (384 a. C. – 322 a. C.), criador do Liceu, professor de Alexandre Magno, jovem imperador que viria a confirmar, depois de seu pai Felipe já ter conquistado a Grécia, o fim da autonomia das cidades-estado, estabelecendo o império macedônico, sucedido pelo domínio romano da Grécia. Deixam de existir as cidades-estado autônomas e passa a existir a ideia de império, onde praticamente já não é mais possível ao cidadão participar da vida política, obrigando-o a encontrar o sentido da sua vida fora desta.

Podemos, de passagem, afirmar que é este o momento em que se começa a dar valor ao indivíduo e à vida privada. É o momento em que a política começa a perder a primazia. Por outro lado, passa então a existir uma ideia de “universalidade” também na política, e isso facilita o estabelecimento da mesma religião para todos, de um só deus para todos, o que vai se consolidar depois, com a implantação da doutrina judaico-cristã no mundo greco-romano.

Em todo caso, o imperador Alexandre contribuiu para que a cultura grega, que ele aprendeu com seu mestre Aristóteles, se expandisse pelo Oriente Médio. Como não lembrar dos períodos “helênico” ou “alexandrino”, que não só conservaram as obras clássicas do pensamento grego com a posterior criação da famosa [Biblioteca de Alexandria](#), no norte e África, mas também continuaram atraindo para as novas cidades artistas, sábios e homens letrados. Em todo caso, a Filosofia grega não morre, continua em Roma e depois floresce em toda a Europa,



#### Saiba mais

#### Biblioteca de Alexandria

Durante mais ou menos sete séculos, entre os anos de 280 a.C. a 416, a biblioteca de Alexandria reuniu o maior acervo de cultura e ciência que existiu na Antigüidade. Ela não foi apenas um enorme depósito de rolos de papiro e de livros, mas tornou-se uma fonte de instigação para que os homens de ciência e de letras desbravassem o mundo do conhecimento e das emoções, deixando assim um notável legado para o desenvolvimento geral da humanidade. Fonte: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/antiga/2002/10/31/002.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2008.

a partir do casamento feito entre a racionalidade grega e a nova religião, o Cristianismo, que aos poucos deixa de ser uma religião marcada pela mentalidade oriental e passa, sobretudo a partir da obra de Paulo de Tarso (o apóstolo São Paulo), que é de formação grega, a mesclar a nova religião com o pensamento racional grego. Este casamento entre razão grega e religião judaico-cristã foi a base da Idade Média e – como se reconhece cada vez mais – a base da própria tradição moderna. Por tudo isso se pode dizer que a filosofia é filha da Grécia e que o Ocidente tem lá o seu berço.

## O SENTIDO DA FILOSOFIA

A palavra **filosofia** é originariamente grega: *philos* (amigo) + *sophia* (sabedoria). Filosofia significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor pelo saber. De saída já se poderia dizer: para ser filósofo se deve amar, e não se pode odiar. O filósofo é o amigo, o amante da sabedoria.

Lembremos, porém, que amante não é alguém que é dono daquilo ou de quem ele ama, mas é alguém que pretende sê-lo, e não consegue ser dono, nem deve ser dono. Quando se possui o objeto amado (coisa ou pessoa), o amor acaba. Assim, filósofo é quem, como já dissemos, procura chegar ao fundamento último, à essência ou à raiz das coisas e dos problemas.

A concepção da filosofia como procura amorosa da verdade, procura da compreensão da realidade, pode ser atribuída a Sócrates, como veremos no final da Unidade 1, quando apresentaremos e discutiremos as duas concepções de filosofia, a de Sócrates, presente no livro de Platão chamado *O Banquete*, e a de Platão, presente no mais famoso livro dele, *A República*.

A busca da verdade está vinculada à aposta e ao desejo de organizar a vida individual e social ou política de maneira mais objetiva, sólida e permanente. E isso se faz fundamentando a verdade na razão, e não em alguma crença ou alguma opinião

interessada ou interesseira. É importante insistir nisso para não pensarmos que a filosofia existiu sempre, ou que ela seja uma invenção casual de algum gênio, e não uma criação que se inscreve num contexto histórico favorável a tal saber.

Filosofia é, pois, um esforço para resolvermos de maneira nova os problemas enfrentados na vida em sociedade.

Hegel, um dos grandes pensadores modernos, irá escrever no Século XIX que **os gregos inventaram** a filosofia por terem sido o primeiro povo que, ao tentar resolver seus problemas, o fez como se estivesse resolvendo os problemas de todos os seres humanos, de todos os povos, para todos os tempos. É isso que caracteriza a razão como fundamento da objetividade do conhecimento, de um **saber objetivo e neutro**, de um saber com **validade universal**. Portanto, não é a ciência, como tantas vezes se pensa, o primeiro conhecimento objetivo, neutro e universal da realidade, mas é a filosofia que teve por primeiro esta pretensão, sendo ela, por isso, a raiz da ideia moderna de ciência.

Especialista no estudo do pensamento antigo, Jean-Pierre Vernant (2002) afirma que os gregos inventaram a filosofia não simplesmente para satisfazerem uma curiosidade de entender as coisas, como dizia Aristóteles, mas para resolverem um problema prático, ético e político.

*E qual é este problema? Responder às seguintes perguntas: como encontrar uma solução segura e definitiva para os problemas políticos? Como encontrar um jeito para que se estabeleça uma ordem, uma harmonia, a justiça, na convivência humana, e para que a solução valha não apenas para aquela ocasião, mas para todas as ocasiões e para todos os povos?*

Diante desse problema, aparece a extraordinária solução grega, que constitui, como dissemos, o **nascimento da filosofia e da ciência** como tal: para resolvermos com segurança e vigor os problemas devemos encontrar um fundamento sólido. **Este fundamento sólido é a razão, que está presente na realidade, na natureza, mas também no ser humano.**

Ao invés de fundamentar as soluções dos problemas éticos e políticos nos sentidos (audição, olfato, tato, visão), nos sentimentos mutáveis, nos interesses de grupo ou pessoas, nas opiniões das pessoas, opiniões que mudam, se busca encontrar uma solução firme, eterna, imutável, sólida, objetiva, neutra, universal, que valha não só pra mim, mas para todos os seres humanos. E esta solução está na razão, que é única, que funciona em tudo e em todos os seres humanos do mesmo jeito, e por isso, se formos fiéis à razão, chegaremos a uma verdade segura, assim como a desejamos.

Dissemos que a filosofia é grega, portanto ocidental. Por isso, por mais que haja uma sabedoria oriental, por mais que alguém possa valorizar mais a cultura oriental, esta não deveria ser chamada de “filosofia oriental”, pois a cultura do Oriente se fundamenta em dois princípios que nunca coincidem, que nunca deixam de ser contrários: o *Yin* e o *Yang*. O *Yin* é o princípio feminino passivo da natureza, enquanto o *Yang* é o princípio masculino ativo na natureza. Por isso, convém dizer que a filosofia só existe a partir da Grécia antiga, pois só a partir daí se consegue ver as coisas como uma unidade, como algo compreensível pela razão, enquanto que para o oriental isso nunca é possível.

De fato, a filosofia tem como princípio e característica a unidade da realidade, a unicidade do fundamento, a unicidade da razão. Na filosofia sempre buscamos e acabamos afirmando um princípio único, e só por isso também será possível afirmarmos que há um cosmos, ou seja, uma ordem. Não se trata de dizer que a sabedoria oriental é melhor ou pior do que a filosofia, que é a sabedoria ocidental, mas se trata de assinalar que são saberes diferenciados e incompatíveis. Isso é importante para termos clareza e entendermos melhor a **distinção entre Oriente e Ocidente**, e

também para tentarmos compreender o que levou o Ocidente a ser vitorioso sobre o Oriente, pelo menos sob certos pontos de vista.

E insistimos: o nascimento da filosofia entre os gregos também é, de certa forma, o nascimento da ciência como tal. Na Antiguidade e na Idade Média praticamente os dois conceitos se equivalem, enquanto **ciência** e filosofia se baseiam na razão, em contraposição a outros saberes que não partem de uma fundamentação racional, como é o caso da **mitologia** ou da **teologia**, que incluem em si, necessariamente, uma crença ou a fé. Só na modernidade é que foi estabelecida mais claramente uma distinção entre filosofia e ciência.

A filosofia continua mantendo como característica a pretensão de conhecer o todo como tal, o estudo dos “porquês”, enquanto a ciência (moderna) nasce e se consolida como o conhecimento da realidade a partir do estudo das partes e enquanto estudo do “como” da realidade.

À ciência, por exemplo, não interessa saber por que existe uma lei natural, mas qual é tal lei, e como a realidade funciona de acordo com esta lei. Mas interessa à filosofia perguntar por que há leis, quais os princípios destas leis. A ela interessam as causas últimas, e não a causa mais imediata, como faz a ciência. Esta forma de conhecer é bastante recente, tendo cerca de quatrocentos anos, com a contribuição importante de Copérnico, Galileu, Bacon e Newton. Esta ciência nasceu com a pretensão de permitir ao ser humano ter um controle prático da natureza, um domínio sobre ela, para que o ser humano se torne senhor da natureza e senhor de si mesmo. Conhecendo a natureza, o ser humano liberta-se dela, e pode dispor dela para seu próprio interesse. É o que expressa a conhecida frase de Francis Bacon: “saber é poder”. Esta forma de conhecimento possibilita um conhecimento sistemático e seguro, com a formulação de leis (naturais ou sociais), permitindo dessa maneira um agir mais seguro para os seres humanos. Pode-se assim

romper com crenças e práticas supersticiosas, afastando temores brotados da ignorância, vencendo normas tradicionais de conduta e resolvendo novos problemas. Por isso, a ciência é, sobretudo, um método de investigação, uma lógica geral empregada para garantir uma certeza maior e até infalível, uma objetividade, uma imparcialidade ou neutralidade, para estabelecer melhor uma relação entre causas e efeitos, em suma, para responder de forma mais precisa às perguntas formuladas pelos estudiosos.

Antes de procurar definir melhor o que é a filosofia, vale a pena repetirmos que existem várias formas de conhecimento humano. E não podemos esquecer, além das formas já citadas (mitologia, teologia, ciência, Filosofia), o conhecimento mais comum, chamado em geral como “senso comum”. É o conhecimento que recebemos de uma geração para outra, e que nasce do esforço que os seres humanos fazem normalmente para resolver os problemas práticos e imediatos que surgem no dia a dia (por exemplo, formas de organizar a vida comunitária, formas de sobreviver frente ao clima e frente à natureza, como fazer habitação, vestuário, plantio, colheita, conservação de produtos, alimentação, cuidado com saúde, e, mais recentemente, uso da técnica etc.). Por exemplo, o camponês sabe plantar e colher segundo hábitos e normas que aprendeu dos pais, usando técnicas herdadas de seu tempo e de sua comunidade, e hoje aprendemos a usar o carro ou outros meios técnicos a partir do ensino passado por quem já o faz. Isso acontece de maneira espontânea e prática, não de forma rigorosa e sistemática, conforme ocorre com o conhecimento científico. Pelos exemplos também percebemos que o senso comum muda historicamente por influência do saber científico e tecnológico. Assim, o senso comum é, sobretudo, um saber fazer, mais do que um saber puramente teórico, sem que se conheçam os motivos pelos quais algo se faz assim e não de outro modo. Por isso, o senso comum tem a ver com uma crença, embora não se trate de uma crença, mais teórica, que repercute na vida das pessoas através de outra forma de conhecer, que é a crença religiosa, pela qual os seres humanos definem o sentido da vida, e aquilo que eles devem fazer para viver melhor ou para ter uma vida feliz depois da morte.

Mesmo que ao senso comum pertençam elementos do saber científico, da teologia, da mitologia e da própria filosofia, na medida em que tais saberes se tornaram comuns no comportamento cotidiano das pessoas e nas relações entre elas, e mesmo que o senso comum seja, por conseguinte, o saber mais presente na existência de cada um de nós, isso não impede que devemos distinguir entre os saberes. E por isso insistimos em **definir a filosofia**.

Todos sabem, inclusive os matemáticos, o que é a matemática. Todos os químicos concordam com a definição da química. O mesmo acontece, mais ou menos, com os biólogos, os físicos, os médicos, os engenheiros, os sociólogos, os historiadores, os psicólogos. Mas, ao contrário do que acontece normalmente com cada uma das ciências naturais ou humanas, percebemos que há praticamente uma definição para cada filósofo ou cada doutrina filosófica. Esta pluralidade de definições da filosofia, mesmo que todas mantenham a ideia de se tratar de uma tarefa executada racionalmente, não só serve para suscitar em nós uma perplexidade ou uma insegurança, mas também nos convida para que também nós sejamos mais críticos com qualquer doutrina ou verdade que nos for apresentada. E com isso também nós nos tornamos mais racionais, ao mesmo tempo em que perceberemos melhor o alcance e os limites da própria razão. Neste sentido, há motivos para continuar afirmando como o sábio Sócrates: que o ato de filosofar em última instância nos leva a perceber que sabemos pouco, ou então, que quanto mais pensamos, mais percebemos o limite de nosso conhecimento. Mas **para se saber que sabemos pouco é indispensável estudar e pensar muito**. Isso, aliás, também acontece entre os cientistas: em geral os grandes cientistas são os que mais reconhecem a precariedade do conhecimento científico, enquanto os cientistas medianos ou medíocres tendem a se apresentar como gênios. Em geral, quem pensa pouco e sabe pouco, imagina saber muito.

Platão, um dos maiores filósofos de todos os tempos, reconhece (e o faz em duas ocasiões!) que seu mestre Sócrates é muito mais sábio do que ele. E a prova apresentada por Platão

para sustentar isso é bem surpreendente: ele diz que Sócrates é mais sábio porque nunca escreveu um livro ou um artigo! Sócrates nunca se considerou capaz ou no direito de fixar uma verdade por escrito. Isso nos levaria a dizer hoje – e não seria apenas em tom de brincadeira! – que Sócrates é um trabalhador intelectual “improdutivo”!

Se a filosofia, por um lado, é uma atitude diante dos acontecimentos e diante da vida em geral, por outro é também um campo do saber humano, ao lado das ciências, sociais e naturais, da tecnologia, da teologia, da mitologia, do senso comum. Por mais que ela não possa ser vista como um determinado conteúdo (não tem sentido dizer “a filosofia afirma que...”), pode-se afirmar que há “filosofias” de períodos históricos diferentes (Filosofia **Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea**), “filosofias” de perspectivas diferentes (Filosofia Grega, que se confunde com Filosofia Antiga, Filosofia Cristã, que em geral se identifica como Filosofia Medieval) e “filosofias” de países diferentes (Filosofia Alemã, Francesa, Italiana, Inglesa, Norte-americana...). Por fim, fale-se da “filosofia” de cada filósofo (Filosofia Cartesiana, Kantiana, Platônica, Tomista, Marxiana, e assim por diante).

### Complementando.....

Amplie seus conhecimentos através das obras indicadas a seguir.

- 📌 Sugerimos, para a relação entre Filosofia e Mitologia, entre Filosofia e Tragédia, a obra do grande especialista francês, há pouco falecido: VERNANT, Jean-Pierre. *Entre mito e política*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.
- 📌 Sobre o debate entre filósofos e sofistas, ver, por exemplo: GADAMER, Hans Georg; HÖSLE, Vittorio; VEGETTI, Mario. (Entrevista). *As raízes do pensamento filosófico*. Trad. Portuguesa de Selvino José Assmann. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/textos.htm>>. Acesso em: 3 ago. 2009.



## Atividades de aprendizagem

Para verificar sua compreensão quanto aos textos, expostos até aqui, separamos algumas questões para você responder. Escreva com suas próprias palavras! Se precisar de auxílio não deixe de fazer contato com seu tutor.

1. Com base no texto apresentado, qual o motivo prático que levou os gregos a inventarem a filosofia, uma forma de saber que pretende ser neutra, objetiva, universal, única, distinta da religião e do senso comum?
2. Procure descrever o que se entende por filosofia no senso comum. Pergunte a algumas pessoas conhecidas, e verifique qual a diferença com o conceito que os gregos deram à filosofia.
3. Qual a comparação que podemos fazer entre a filosofia e a ciência moderna, que também defende, tantas vezes, a neutralidade e a objetividade?

## CARACTERÍSTICAS GERAIS DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Vamos dar continuidade aos nossos estudos fazendo breve referência aos principais períodos da História da Filosofia. Como informação geral, vale a pena lembrarmos a distinção que se faz entre quatro grandes períodos desta História, que praticamente coincidem com a periodização da História Universal, com uma única e óbvia exceção: a História começou no Oriente, enquanto a Filosofia começa no Ocidente, num determinado momento do período histórico denominado “antigo”. Sabemos que todas as periodizações são questionáveis, e também a da filosofia. Sem entrar em pormenores, mantemos aqui a periodização mais aceita pelos historiadores.

De acordo com a periodização mais aceita pelos historiadores, a Filosofia é dividida em quatro grandes períodos:

- ▶ **Filosofia Antiga:** do séc.VI a. C até o séc.V d. C.;
- ▶ **Filosofia Medieval:** do Século V d. C. até o séc. XIV ou XV;
- ▶ **Filosofia Moderna:** do Século XV/XVI, período da Renascença, passando pelos Sécs. XVII e XVIII, e alcançando o período do Iluminismo, séc. XVIII e metade do séc. XIX; e
- ▶ **Filosofia Contemporânea:** da metade do Século XIX até hoje.

## A FILOSOFIA ANTIGA

Já falamos da **Filosofia Antiga**, e ainda vamos falar a respeito de Sócrates e Platão. Costumeiramente, admitem-se três fases na história da filosofia Antiga, que aconteceram sobretudo em Atenas e, depois, em Roma:

- ▶ o **período pré-socrático ou cosmológico**, em que a filosofia se ocupa principalmente com a origem do mundo e as causas das transformações da natureza;
- ▶ o **período socrático ou antropológico**, ocorrido entre o final do séc. V até o final do séc. IV a.C., cujas figuras principais são Sócrates, Platão e Aristóteles, em que o objeto de estudo da filosofia passa a ser o homem, sua vida política e moral, e sua capacidade de conhecer as coisas; e
- ▶ o **período helenístico ou greco-romano**, entre o final do Século III a. C até o séc. II d. C, quando começa a consolidar-se a supremacia da visão cristã, sobretudo com o pensamento de Santo Agostinho. Neste período, deixa-se de acreditar em soluções mais coletivas para a vida humana e se começa a introduzir uma saída individual, consolidando-se uma nova ética e uma política que deixa de ser vista como boa. É o período em que predominam as doutrinas dos **estóicos, dos epicuristas e dos cétricos**. Neste período, as doutrinas filosóficas helenísticas deixaram de ter sua sede em Atenas, e Roma passara a ser o lugar em que tais doutrinas continuaram consolidando-se e modificando-se.

De toda maneira, as doutrinas helenísticas (estoicismo, epicurismo e ceticismo) têm sido cada vez mais reconhecidas como importantes para se compreender **a passagem gradual do predomínio da cidade e da comunidade, para o predomínio do indivíduo**. Para Platão e Aristóteles, o ser humano realiza-se

Estóicos, epicuristas e cétricos – envolve tanto o pensamento grego, quanto o pensamento romano que predomina entre o fim da autonomia das cidades-estado gregas, com a morte de Alexandre Magno em 323 a.C.I, e a conquista do Antigo Egito em 30 a.C. pelos Romanos, e, mais ainda, com a gradual afirmação da perspectiva cristã. Juntos, estoicismo, epicurismo e ceticismo constituem o Helenismo. Os estóicos – chamados assim, pois se reuniam em Atenas perto do pórtico, em grego stoa- apregoam o ideal da fraternidade universal, contrário, portanto, à escravidão, e defendiam o ideal da vida austera. Por isso, até hoje se mantém o termo “estóico” com este sentido de austeridade, de capacidade de suportar o sofrimento. O epicurismo, chamado também de escola do Jardim, porque ali se reuniam os discípulos de Epicuro, defende o valor da vida humana individual, o bem-estar, o prazer espiritual e físico como fim da existência humana. E os cétricos insistem em dizer que os seres humanos, por mais que o queiram, não conseguem conhecer a realidade de forma objetiva e neutra.

unicamente como membro da comunidade política, como cidadão, e não pode conseguir a felicidade individualmente. Com o fim da autonomia das cidades gregas, e com o surgimento do império macedônico, através de Felipe e Alexandre Magno, a cidade deixa de ser o lugar principal de realização humana – até pela distância que ocorre entre governantes e governados – e surge a ideia da igualdade de todos os seres humanos e a concomitante ideia de indivíduo, ser isolado da comunidade e que passa a ser encarregado individualmente pela sua realização e felicidade.

Neste contexto, podemos afirmar que a ideia de uma fraternidade universal nasce antes do Cristianismo, mas com um objetivo político: se todos são iguais, todos estarão submetidos da mesma forma à mesma lei do império. Com o Cristianismo, surgirá uma fraternidade com outro sentido: todos são filhos do mesmo Deus, e por isso os seres humanos são irmãos e como tais ficarão submetidos aos mandamentos de Deus, e não do único imperador. É neste período que surge também o conceito de **lei natural**, que servirá tanto para os cristãos (mostrando que é possível seguir a lei natural e obter a salvação eterna quando alguém não fosse formalmente um cristão) quanto para os modernos (sobretudo a Teoria do Contrato Social, que tem por base a distinção entre estado de natureza e estado civil). Se pensarmos mais no início da tradição cristã, importa lembrar o debate entre os *Padres*, nome dado aos teólogos de tradição oriental (patrística oriental) e àqueles de tradição greco-latina (patrística ocidental).

Os teólogos e pastores de tradição grega e latina lutam – e discutem muito entre si e não só contra os não-cristãos – para que o Cristianismo como instituição, que estabelece sua sede em Roma, passe a adotar a racionalidade grega a fim de conseguir convencer e converter pagãos à nova verdade, mesmo que a doutrina original de Jesus Cristo tivesse sido apresentada nos moldes da cultura oriental, ou melhor, na sua vertente semita. Veja um exemplo: na tradição oriental, não é possível separar o corpo e alma. Sendo assim, quando alguém morria, era considerado morte do ser humano inteiro, e não apenas o corpo; e isso era admitido também pelos primeiros cristãos de tradição oriental. Já de acordo com a

mentalidade dualista grega, só morria o corpo, como se pensa até hoje entre nós. E ambos eram cristãos. Naquele tempo, portanto, um cristão que dissesse que quando se morre, morre também a alma, não deixaria de ser considerado cristão! Foi nos primeiros séculos do Cristianismo que se decidiu, aos poucos, como dogma, a separação entre corpo e alma, o que constitui a vitória da tradição greco-romana no Cristianismo. A figura mais importante para que isso acontecesse foi **São Paulo**, o apóstolo de formação grega, que convenceu Pedro a estabelecer-se em Roma, sede do Império Romano, como chefe da nova comunidade religiosa.

Houve assim – poderíamos dizer – uma **racionalização de uma verdade religiosa**, racionalização que se tornou fundamental para a história da Idade Média, mas também da Idade Moderna. E a teologia, “ciência sobre Deus”, é sinal desta racionalização. Isso fez com que os teólogos mostrassem que acreditar em Deus não vai contra a razão, mas combina com ela. E também contribuiu para que um filósofo moderno como Hegel dissesse que a modernidade é a definitiva realização do Cristianismo, e não a ruptura com este, conforme costumamos dizer ao apresentarmos a Idade Média como Idade das Trevas.

## A FILOSOFIA MEDIEVAL

A **Filosofia Medieval** inclui pensadores europeus, árabes e judeus. É o período de cerca de mil anos em que predomina a Igreja Católica Romana, e se criam, ao lado das catedrais, as primeiras Universidades, cujo curso principal era a Teologia, sendo a Filosofia uma “serva da Teologia”.

Antes de mais lembremos que o Cristianismo nasceu no Oriente, e depois começa a difundir-se pelo Ocidente, a começar por Atenas e continuando por Roma. A figura mais importante para a difusão da doutrina de Jesus Cristo no mundo greco-romano é Paulo de Tarso. Basta lermos uma passagem de um texto clássico,

como os Atos dos Apóstolos, que narra o encontro de São Paulo com os atenienses:

Enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se revoltava, em face da idolatria dominante na cidade.... Alguns dos filósofos epicureus e estóicos contendiam com ele, havendo quem perguntasse: Que quer dizer esse tagarela? E outros: Parece pregador de estranhos deuses, pois pregava a Jesus e a ressurreição. Então, tomando-o consigo, o levaram ao Areópago, dizendo: Poderemos saber que nova doutrina é essa que ensinas? Posto que nos trazes aos ouvidos coisas estranhas, queremos saber que vem a ser isso. Pois todos os de Atenas, e os estrangeiros residentes, de outra coisa não cuidavam senão dizer ou ouvir as últimas novidades. Então Paulo, levantando-se no meio do Areópago, disse: Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos; porque passando e observando os objetos do vosso culto, encontrei também um altar no qual está escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Pois esse que adorais sem conhecer, é precisamente aquele que eu vos anuncio (At. 17, 16-23).

O texto mostra claramente que o apóstolo Paulo, para difundir a nova doutrina religiosa, discute com os filósofos (epicureus e estóicos), e se esforça para apresentar o Cristianismo não como ruptura, mas como um complemento e um acabamento da teologia e da filosofia grega. Por mais que possamos assinalar que a atitude de Paulo seja retórica, não podemos deixar de reconhecer que foi esta aproximação com a filosofia antiga que possibilitou a implantação gradativa do Cristianismo. Sem tal aproximação não seria possível entender a expansão da doutrina cristã no mundo grego e depois no mundo romano, a partir do qual depois se espalha pela Europa, tornando-se base da cultura ocidental

O Cristianismo, por mais que levasse séculos para se instaurar mais amplamente, lutando contra as outras religiões tradicionais, só passou a ser predominante a partir do século IV, com o imperador Constantino, o primeiro governante católico, e

que vinculou o Cristianismo ao poder constituído no império. Mais precisamente, é sob o governo de Teodósio, em 380, que se define a doutrina ortodoxa cristã como religião de Estado. Foi nos primeiros séculos que o Cristianismo obteve apoio, sobretudo nas classes mais baixas da sociedade, se espalhando posteriormente pelos grupos dirigentes da vida urbana imperial. No início foram suportados ou admitidos dentro da comunidade cristã modos de viver e de pensar bastante diversos, mas depois a Igreja precisou definir melhor seu núcleo doutrinário, sua ortodoxia, seus dogmas, as verdades que todos devem aceitar, ao mesmo tempo em que estabeleceu a estrutura hierárquica a que todos devem obedecer.

Assim, se inicialmente foram admitidas tanto uma visão oriental quanto uma visão ocidental, ou greco-romana, depois se tornou vitoriosa a leitura ocidental desta religião, nascida, como todas as outras religiões, no Oriente. Nos primeiros séculos, ainda considerados como parte da antiguidade, foi Platão que manteve uma hegemonia teórica dentro do Cristianismo; bem mais tarde, a partir do séc. XII, o filósofo grego que marcou o pensamento cristão foi Aristóteles, que no início era rejeitado por ser considerado materialista demais.

Contudo, o conceito de Idade Média gerou controvérsias há longo período. Durante bom tempo, por influência do pensamento renascentista e moderno, este período foi entendido como um intervalo cronológico entre duas culturas (a antiguidade clássica e a renascença), como idade das trevas ou das sombras, em que nada de importante aconteceu no campo da arte, da ciência e da filosofia. No entanto, por causa dos estudos cada vez maiores sobre a história da época e também pela crítica que se passou a fazer ao pensamento moderno, que deixou de ser visto apenas como solução de todos os problemas individuais e sociais, a Idade Média passou, sobretudo nos últimos decênios, a significar um período decisivo para se entender a história do Ocidente, e não só pela grande arquitetura (catedrais românicas e góticas), ou pela construção das primeiras universidades, como Bolonha, Pádua, Paris e Oxford, mas também pela formação gradual das línguas latinas (italiano, francês, espanhol e português) com seus grandes literatos. Por tudo

isso, e também pelo debate teórico havido, não teve mais sentido falar de “idade das trevas”.

Podemos dizer, portanto, que as características principais da Filosofia Medieval são as que seguem:

- ▶ a estreita relação entre filosofia e religião, ou melhor, entre filosofia e teologia; e
- ▶ a forte presença de Aristóteles em todos os campos do pensamento teórico (lógica, ética, metafísica), o que ocorreu depois da influência inicial da obra de Platão. A influência de Aristóteles foi consagrada pela presença do grande pensador cristão, que é Santo Tomás de Aquino (1225-1274), cujo tema maior foi defender uma conciliação entre razão e fé, entre Cristo e Aristóteles, o que marcou o período medieval mais do que qualquer outra coisa.

Com o Cristianismo houve continuidade e ruptura com a Idade Antiga, assim como a Idade Moderna é continuidade e ruptura com a Idade Média, e não apenas ruptura. E nestas continuidades nem sempre se conserva o pensamento anterior na sua forma correta, mas se introduzem adaptações e até deformações. Ao mesmo tempo, há rupturas mais evidentes. Neste sentido, na Idade Média, rompeu-se com a cultura e a filosofia antiga ao se introduzir a ideia de que o mundo não é eterno, mas tem um início, com a criação por parte de um Deus. Assim, os seres humanos passaram a ser vistos como criaturas, como filhos de Deus, e que só podem alcançar a felicidade se cumprirem a vontade divina. Além disso, a verdade é revelada por Deus, e não simplesmente descoberta pelo ser humano. A principal comunidade passou a ser a da Igreja, e não a comunidade política. O mote consagrado foi o seguinte: “*Extra Ecclesiam nulla salus*”: fora da Igreja não há salvação! Santo Agostinho (354-430) dirá com todo vigor que os reinos, ou seja, as instituições políticas e seus governantes sempre farão o mal, sempre efetuarão grandes latrocínios, e que, no fundo, não há nenhuma diferença moral entre os piratas que assaltam navios e os governantes que assaltam povos inteiros.

Como se está longe do pensamento de Platão e de Aristóteles, para os quais só na política é possível fazer o bem! Agora, na Idade Média, se sustenta que só na comunidade cristã poderá ser feito o bem. De toda forma, não houve só ruptura, como já dissemos: de tantas maneiras o pensamento filosófico greco-romano serviu para tornar mais racional a doutrina religiosa cristã, e até mesmo contribuiu para estabelecer, sobretudo nos primeiros séculos de nossa era, a doutrina cristã, constituída principalmente de dogmas. Santo Agostinho não teme em sustentar que o essencial das doutrinas platônicas e o essencial da doutrina cristã se sobrepõem. E, sobretudo há um uso de atitudes profanas, defendidas pelos platônicos e pelos estóicos, que serão adotadas pelos cristãos, transformando tais atitudes em modo cristão de viver. Podemos repetir que a história do Ocidente, a nossa história, foi marcada indelevelmente por um casamento entre a racionalidade grega e o Cristianismo, mas também por um casamento entre o modo de viver instaurado pela filosofia antiga e a moral cristã. Exemplo disso é a ênfase que se dá nos primeiros séculos ao cuidado de si, à primazia da alma, o que no modo cristão leva ao exame de consciência e a uma separação cada vez maior entre corpo e alma.

E se foram conservados e divulgados os textos dos pensadores gregos antigos isso é devido aos árabes, que não só cultivavam suas bibliotecas, mas também começaram a incentivar, através de seus intelectuais, um interesse por um estudo muito rigoroso. Por isso, podemos afirmar que nasceu com eles um interesse científico. Isso é justificado, sobretudo, pela importância de dois médicos-pensadores: Avicena (980-1037), que tentou conciliar as doutrinas de Platão e Aristóteles, e Averróis (1126-1198), um dos maiores conhecedores de Aristóteles. Além de se preocuparem com a conciliação entre o Alcorão e a indagação racional, através da Filosofia Grega, os árabes tornaram-se fundamentais para estimular uma aproximação entre o materialista Aristóteles e o espiritualismo cristão. E o nascimento das universidades serviu para que acontecesse a divulgação do pensamento árabe e da obra de Aristóteles, e para que aumentasse a preocupação em combinar a fé cristã com a racionalidade humana. Já se tomava mais em conta

que nem todos os seres humanos eram cristãos, e que se precisava saber mais e melhor como agir com não-cristãos, e como não-cristãos também poderiam obter a salvação se não pertencessem oficialmente à Igreja Católica. Sinal disso é o debate frequente em torno de “provas da existência de Deus”, o que mostra a preocupação que havia em tornar racional, ou melhor, “racionável” aquilo que era sustentado pela fé: a razão humana, mesmo que não consiga provar que Deus existe, consegue mostrar que acreditar em Deus não vai contra a razão, não é algo irracional. É assim que se mostra que razão e fé não se contradizem, mas se complementam ou se compatibilizam, mesmo que devam continuar distintas como fundamento da verdade.

Temos, pois, na Idade Média, dois grandes filósofos cristãos: Santo Agostinho, que seguiu mais diretamente o pensamento de Platão, e Santo Tomás de Aquino, que, estimulado por seu mestre Alberto Magno, adotou corajosamente o pensamento aristotélico. E de forma geral, podemos afirmar que é difícil distinguir claramente entre Filosofia e Teologia, quando falamos de “Filosofia Cristã”.

Para finalizar, não podemos esquecer a importância adquirida pela Escolástica, criada a partir do séc. XII, e que predominou até o séc. XIV: a filosofia ensinada nas escolas. Nela, a filosofia fica marcada ou até presa ao princípio da autoridade, que pertence à Igreja, a qual determina a investigação intelectual e protege o pensamento contra eventuais erros. Isso de certa maneira empobreceu a reflexão filosófica. No entanto, nem todos os pensadores aceitavam esse controle ou censura eclesiástica. Basta citarmos outros importantes nomes da Filosofia Medieval para se perceber a vitalidade do pensamento da época:

- ▶ Santo Anselmo (1050-1117), um dos mais consistentes formuladores de uma prova da existência de Deus;

- ▶ Abelardo, importante lógico e um dos primeiros professores universitários a exigir salário para trabalhar, não sendo ele um teólogo sustentado pela Igreja; e
- ▶ Duns Scoto (1265-1308), que insiste em defender a liberdade humana mesmo no contexto teológico; e
- ▶ Guilherme de Ockham (1280-1349), acusado de **heresia\***, ele inaugura um novo modo de fazer teologia, enfatizando a conveniência de provas empíricas para as afirmações e não temendo confrontar-se com os teólogos anteriores.

\***Heresia** – doutrina ou sistema teológico rejeitado como falso pela Igreja. Fonte: Houaiss (2007).

Após esta breve apresentação da Filosofia Medieval, podemos verificar que a Idade Média não deve ser considerada como período de interrupção da história, e nem como período de trevas. Cada vez mais se estuda e cada vez mais se tem argumentos para sustentar uma “nova ideia de Idade Média”, conforme ensina o historiador francês Jacques Le Goff, como um período cheio de vitalidade teórica, de muita criatividade, de tanto debate e de muita controvérsia. E cada vez mais temos motivos que nos devem levar a ter em conta a Idade Média se quisermos entender a modernidade.

Podemos concluir com a afirmação de um estudioso a respeito das relações entre Filosofia e Cristianismo, relações que continuam na modernidade e voltam a ser discutidas com muita ênfase mais recentemente:

As relações entre filosofia e cristianismo são muito mais complexas do que vislumbramos [...]. Pode-se dizer que quase todas as filosofias, desde a Idade Média, sofreram influências do cristianismo. Por um lado, seu discurso filosófico desenvolve-se em relação estreita com o cristianismo, seja para justificar, direta ou indiretamente, a doutrina cristã, seja pra combatê-la. [...] seria necessária uma longa reflexão para definir mais profundamente as relações entre filosofia e religião (HADOT, 1999, p. 382-383).

### Complementando.....

Sobre a nova visão da Idade Média, consulte as obras do grande historiador Jacques Le Goff. Veja a seguir algumas sugestões.

📌 LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1980.

📌 \_\_\_\_\_. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

📌 \_\_\_\_\_. *Mercadores e banqueiros da Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

📌 \_\_\_\_\_. *O nascimento do purgatório*. Lisboa: Estampa, 1993. (Este livro narra como, na história da Igreja Romana, se passa de uma rejeição total do empréstimo de dinheiro, da usura, para sua aceitação. A sua aceitação moral vincula-se ao fato de a Igreja precisar de dinheiro emprestado para construir catedrais.

Para tornar perdoável o pecado da usura, a Igreja cria então a ideia de purgatório, para onde irão todos os usurários).

📌 \_\_\_\_\_. *A civilização do Ocidente medieval*. Bauru: EDUSC, 2005.

## A FILOSOFIA MODERNA

Quando falamos da **Filosofia Moderna**, começamos pela Renascença, que foi, provavelmente, um dos períodos mais criativos da História Ocidental, tendo seu epicentro na Itália. Foi neste período que a Europa sai para a conquista da América; em que acontece a Reforma Protestante (Lutero e Calvino); em que se cria a ciência moderna (Leonardo da Vinci, Bacon, Copérnico, Galileu, Kepler); em que se formulam as utopias (Tomás Morus, Campanella); em que se inaugura a ciência política (Maquiavel, Bodin); em que se procura romper com o domínio ideológico da Igreja Romana (Galileu, Giordano Bruno); e em que se dá uma revolução artística (Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo Buonarrotti, Rafael Sanzio, El Greco).

Na filosofia, passa a predominar uma **visão naturalista**: o homem é visto como parte da natureza e pode agir sobre ela através da alquimia, da magia natural e da astrologia; por outro

lado, ao contrário do que acontecia antes, quando se valorizava a vida contemplativa, começa a ser valorizada a vida ativa, a ação prática, a fabricação, e na política, o ideal republicano sobrepõe-se ao governo autocrático dos Papas. Assim, o ser humano passa a figurar como artífice de seu destino (**antropocentrismo**), através do conhecimento (ciência), da política, das técnicas (medicina, arquitetura e navegação) e das artes (pintura, escultura, literatura e teatro). Se antes o trabalho era visto como castigo devido ao pecado original, agora o trabalho começa a ser visto como algo positivo, como único meio pelo qual alguém pode se tornar humano e se tornar livre.

Antes o conhecimento acontecia na contemplação, sem que se tivesse que trabalhar para isso. Agora o conhecimento (a ciência) deve ser fruto do trabalho em laboratório. Para dar mais um exemplo de que os seres humanos se tornam o centro de tudo, e que a natureza deixa de ser irmã do homem, como queria São Francisco de Assis, para se tornar serva dos homens, lembremos as afirmações de Bacon e de Galileu, feitas no século XVI: **o ser humano deve se tornar senhor e possuidor da natureza!** E por isso “**saber é poder**”. Pelo saber é possível dominar o que conhecemos, e deixamos de contemplar a natureza, deixamos de simplesmente conviver com a natureza, conforme se pensava antes. A natureza precisa ser vencida e derrotada em sua naturalidade e precisa ser posta gradualmente a serviço do ser humano. Por outro lado, a centralidade do ser humano também se torna visível na pintura: se na Idade Média os pintores representam principalmente figuras sagradas, na **Renascença** o objeto é o ser humano, homem e mulher.

É importante salientarmos que a **modernidade**, de forma geral, dá **primazia ao indivíduo**, e não à sociedade. Também por isso, há certa



### Saiba mais

### Pintura na Renascença



Mona Lisa de Leonardo da Vinci (1503 – 1507). Museu do Louvre. Fonte: *Il Rinascimento Italiano e L'Europa*. Volume Primo Storia e Storiografia, 2005. p. 667.

A criação do homem, Michelangelo, Capela Sistina, no Vaticano.

Fonte: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:God2-Sistine\\_Chapel.png](http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:God2-Sistine_Chapel.png)>. Acesso em: 12 jun. 2008.



primazia da vida privada, e não da vida pública. Isso estabelece uma diferença com as Idades Antiga e Medieval, em que a vida coletiva, e a vida pública, de algum modo, têm primazia sobre a vida individual e a vida privada. Por outras palavras, em Atenas, é na comunidade política que se realiza o ser humano, enquanto na Idade Média isso irá acontecer na comunidade de crentes. À diferença disso, na modernidade, o Estado – que é a nova organização social – é o contrato entre indivíduos, que deve estar a serviço dos indivíduos, e não o contrário. O Estado torna-se meio, deixando de ser um fim. A sociedade é a mera soma de indivíduos, que também deve servir ao bem do indivíduo. O mesmo acontece com a família: o que conta são as partes, e não o todo. Ou então, digamos que, na modernidade, o indivíduo aparece como um todo. Lembremos também que os direitos humanos são formulados e são vividos em geral apenas como direitos de cada indivíduo, e não como direitos de grupos ou de sociedades. Por isso há autores que caracterizam a modernidade como individualismo.

Após a Renascença, há o grande **racionalismo clássico moderno** onde a figura mais conhecida é a de **René Descartes** (1596-1650), considerado o primeiro filósofo moderno, que insiste ainda mais que se deve fazer o que é racionalmente necessário para que o ser humano se transforme no senhor do mundo. É o primeiro a escrever, depois de séculos de domínio do latim, em língua moderna, no caso o francês.

Autor de *O discurso do Método*, Descartes propõe-se a duvidar de tudo o que se sabia até então e a procurar alguma verdade que não pudesse ser posta em dúvida. Tal verdade deveria ser a **nova base para todo conhecimento**. Assim, podemos duvidar da existência de Deus; podemos duvidar de tudo que conhecemos pelos sentidos; podemos até duvidar da existência do mundo físico fora de nós. Mas não podemos duvidar de que duvidamos, ou seja, da existência da dúvida e da existência de quem duvida. Portanto, se eu duvido, eu sou. **Se eu penso, então eu existo (Cogito, ergo sum)**: é a frase em latim, escrita por Descartes). E a existência de Deus, do mundo, deve ser baseada neste fundamento: **Eu. Eu, o sujeito humano, a razão humana, deve ser o**

**único ponto de partida para qualquer verdade.** Esse é o princípio da ciência. Mas também da ética: só será bom aquilo que for bom para cada homem. Vejamos um exemplo no campo do conhecimento: só se o ser humano provar que Deus existe, Deus existirá. Se não o conseguir provar, Deus não existirá.

Como percebemos, a existência de Deus passa a depender da prova realizada pelo ser humano. É isso que podemos denominar de **visão antropocêntrica da modernidade**: *anthropos* é o termo grego que significa homem. Se a visão medieval é **teocêntrica**, e a antiga é **fisiocêntrica**, agora passamos ao antropocentrismo.

Eis outro exemplo do pensamento moderno. **Thomas Hobbes** (1588-1679), filósofo inglês; além de defender uma visão materialista (tudo é apenas corpo) e mecanicista (toda a realidade funciona como se fosse uma grande máquina – como dirá também Newton), ele sustenta que **a razão é a capacidade humana de calcular e controlar todas as coisas**. O homem por sua natureza é um ser individual, totalmente livre, independente. Tudo o que é social, ao contrário do que disse Aristóteles, é artificial. Como indivíduo natural, o homem tem direito ou desejo de possuir todas as coisas, e ninguém pode impedir-lhe de querer realizar tais direitos ou desejos, mesmo que tenha que matar o concorrente. Assim, por natureza, nada podemos fazer para impedir que sejamos lobos dos outros homens. Matar-nos-emos sem que ninguém o possa impedir a não ser pela força. Se não fizermos uma calculada intervenção nesta tendência natural, viveremos em um estado selvagem. É isso o **contrato social**: para sairmos do estado de natureza, e para garantirmos nosso direito individual à vida, à sobrevivência física, cada um deve fazer um pacto com todos os outros indivíduos; através deste pacto, cada qual cede seu direito de se autodeterminar a um outro. Do pacto nasce o ser soberano, o Estado, o qual, por sua vez, estabelecerá a lei que deve ser obedecida por todos os participantes do contrato. O soberano será o único que continuará no seu estado de natureza, enquanto os outros todos deixarão este estado e receberão em troca a segurança de vida garantida pelo soberano. Esta será a única maneira para que

tenhamos uma segurança mínima para conviver com outros seres humanos, sem estarmos ameaçados constantemente em nossa sobrevivência física.

Brevemente apresentada, a tese política hobbesiana, a do **contratualismo moderno**, nos mostra que os seres humanos inventaram **a política; ela é uma criação artificial do ser humano**. O Estado é esta criatura humana que sempre deverá estar a serviço da vida humana, a serviço de cada indivíduo. Se não estiver a serviço, tornar-se-á dispensável. Também a ética precisou ser criada **artificialmente** pelos homens, pois não há moral, não há lei alguma, no estado de natureza, que é o estado original. Quando não há norma, como acontece no estado natural, ninguém deixa de cumprir a norma; assim todos podem fazer o que bem quiserem, e ninguém fará o bem e ninguém fará o mal.

São muitos os **filósofos modernos** deste período racionalista. Não podemos esquecer, por exemplo, o rigor do pensamento de **Baruch Espinosa** (1632-1677), para quem é impossível continuarmos aceitando a ideia de que existe um Deus e, fora dele, um mundo, e para o qual, como já o dissera Giordano Bruno, a realidade é uma só. Podemos chamá-la de Deus ou de Natureza. O que não podemos é admitir a existência destas duas realidades separadas, como se houvesse, contemporaneamente e separadamente, Deus e a natureza, ou como se houvesse Deus lá em cima, fora, e a natureza, aqui, dentro. Não há nada fora. Ressalte-se também a singularidade e a coragem teórica de Blaise Pascal (1623-1662), certamente não tão racionalista, e conhecido de muitos por sua insistência em sustentar que não devemos ser tão racionais, pois em geral “o coração tem razões que a própria razão não conhece”. Para ele, há sempre uma tensão entre a realidade humana e a existência de um ser superior, tensão que nunca será resolvida simplesmente pela razão. Por outro lado, para Pascal, o ser humano é muito frágil, sob todos os aspectos físicos, mas esta fragilidade é compensada por sua força que reside na sua capacidade de pensar. “O homem é frágil como um caniço... mas é um caniço que pensa”.

Outra fase da Filosofia Moderna compreende o que é conhecido como **Iluminismo** (*Aufklärung*, em alemão, substantivo

Iremos falar mais adiante, sobre o criador do pensamento liberal, John Locke (1632-1704).

que pode ser traduzido como Esclarecimento, ou *Lumières*, no dizer dos franceses, *Luzes*). O pressuposto geral é que tudo pode ser iluminado, esclarecido, resolvido, conhecido melhor por meio da razão humana. Pela razão, e só por ela, o ser humano pode conquistar a liberdade e a felicidade social e política (Robespierre, revolucionário francês, dizia que estava na hora de “pôr a razão no poder”); pela razão se garante o progresso, partindo do princípio de que o ser humano é perfectível, ou seja, capaz de se tornar perfeito aos poucos, como insistia o iluminista **Jean-Jacques Rousseau** (1712-1778); pela organização racional do trabalho o ser humano se tornará cada vez mais senhor da situação, senhor de si (“o trabalho liberta” dizem os liberais, e repetirá – lembremo-lo - depois, o dístico em alemão – *Arbeit macht frei* – posto na entrada do campo de concentração nazista de Auschwitz...); pela razão, o ser humano construirá a melhor organização política, seja ela a democracia representativa, ou não; pela razão, o ser humano alcançará o saber mais certo e criará a técnica mais perfeita para resolver todos os problemas; pela razão, o ser humano se libertará cada vez mais do domínio da religião, da superstição e do medo; e pela razão os seres humanos construirão relações econômicas cada vez mais sólidas. **Em suma, pela razão, o ser humano tornar-se-á um organizador e um administrador cada vez mais perfeito.** Essa é a tese defendida pelos modernos.

Entre os iluministas, são conhecidos os nomes de alguns filósofos. Além do já referido Rousseau, devem ser lembrados **Voltaire** (1694-1778), **Diderot** (1713-1784), organizador da Enciclopédia Francesa, o céptico inglês **David Hume** (1711-1776), e sobretudo o filósofo alemão **Immanuel Kant** (1724-1804), de quem também falaremos na outra Unidade deste curso. Ele é considerado um dos maiores filósofos modernos, e sem dúvida é hoje o filósofo moderno mais estudado em muitas áreas de interesse filosófico: teoria do conhecimento, Ética, Estética e Direito.

Kant diz que cabe à filosofia responder a quatro perguntas:

- ▶ **O que é possível conhecer?**
- ▶ **O que devo fazer?**
- ▶ **O que me é lícito esperar?**

### ▶ O que é o homem?

As respostas a estas perguntas constituem, de certa forma, os diferentes campos do saber filosófico:

- ▶ a primeira tem a ver com a teoria do conhecimento;
- ▶ a segunda, com a Ética, a Política e o Direito;
- ▶ a terceira, com a dimensão estética e religiosa da vida humana; e
- ▶ a quarta, com a Antropologia Filosófica.

*Para Kant, respondendo às três primeiras perguntas, estaremos respondendo à quarta, que é síntese de todas as perguntas.*

A resposta geral que Kant dá às perguntas constitui aquilo que se denomina como **pensamento crítico**. De fato, as três grandes obras do autor (*Crítica da razão pura*, que trata de responder à primeira pergunta; *Crítica da razão prática*, que responde à segunda pergunta; e *Crítica do juízo*, que, de algum modo, responde à terceira pergunta) têm em comum o nome “crítica”. **A crítica é uma atitude filosófica que se põe para além do ceticismo e do dogmatismo**, dos quais quer ser uma crítica também. A **atitude cética**, inaugurada pelos cétricos antigos e modernizada por David Hume, sustenta que não há como estabelecer um conhecimento objetivo e neutro da realidade, e que nosso conhecimento sempre tem algo de hábito e de crença compartilhada; a **atitude dogmática** é aquela que defende que os seres humanos são capazes de alcançar um conhecimento seguro e eterno das essências das coisas. Kant nega tanto o ceticismo, quanto o dogmatismo. Segundo ele – contra os cétricos – os seres humanos conhecem, sim, a realidade, mas – contra os dogmáticos – não na sua essência e sim no modo como a realidade aparece diante de quem a quer conhecer. Com isso, Kant diz que o ser humano, ao conhecer, **obriga** a natureza, ou qualquer objeto, a **responder à**

**pergunta que ele faz.** Mas já que o ser humano muda, mudam também as perguntas, e com isso mudam também as verdades acerca do mesmo objeto. Isso **torna todo saber humano uma construção humana**, que depende também de quem conhece, e não só daquilo que é conhecido. Por outras palavras, todo conhecimento é subjetivo e objetivo, e nunca só objetivo.

*O que é ser moderno? Além de não nos determos aqui em apresentar características da **Filosofia Contemporânea**, pois de algum modo o faremos na outra Unidade em que tomaremos em conta aspectos e autores do pensamento atual, não vamos nos deter na resposta que Immanuel Kant dá às outras perguntas (a resposta à pergunta ética é brevemente comentada na Unidade sobre a Ética). Mas queremos insistir na resposta que o filósofo alemão dá à outra pergunta geral: **o que é ser moderno? O que é a modernidade?** Leia com atenção e procure encontrar a resposta ao questionamento.*

A resposta à pergunta apareceu em um breve e famoso artigo publicado por um jornal alemão em 1783. No artigo, o filósofo discutia com outro intelectual e com as autoridades cristãs uma questão que hoje parece singela e até ingênua: para que o casamento seja válido, basta o casamento civil, ou é necessário também o casamento religioso?

O debate de que Kant participou envolvia a relação entre Estado e Igreja cristã, mas incluía uma questão maior, central: **quem deve, afinal, determinar o que é válido e o que se deve fazer? Deus ou os homens? A religião ou a razão humana?** Kant, mesmo sendo cristão, não titubeia: **quem deve decidir é o ser humano, com sua razão.** E com suas razões. A verdade e a ética devem ser humanas. Portanto, para que o casamento seja válido socialmente não se precisa de casamento religioso.

O título do artigo é: *Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?* Como já dissemos, Esclarecimento é sinônimo de Iluminismo. Assim, ser esclarecido é o mesmo que ser moderno.

A resposta é conhecida, mas vale a pena recordá-la e repensá-la, sobretudo para que deixemos de pensar que “modernidade” equivale a estar na moda, estar atualizado, como se repete no senso comum. Diz Kant: **“Esclarecimento (ou seja, a modernidade) é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele mesmo é o responsável”**.

Saída de onde? O que é “menoridade”? É – responde o filósofo – “a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo”. Ou seja, menor, não moderno, é toda pessoa que depende dos outros, que precisa dos outros para definir quem é, o que deve pensar e o que deve fazer. É o que se chama de **heteronomia** (em grego *heteros*, outro, e *nomos*, lei): a lei é feita pelo outro. Em vez de heteronomia, ser moderno significa **autonomia** (em grego, *autos*, eu mesmo, e *nomos*, lei): sou autônomo, sou moderno quando eu mesmo faço a lei e a cumpro. Por outras palavras, **ser moderno equivale a ser responsável, a responder pelo que se é e faz, por própria conta e risco**. Assim, ser moderno significa ser livre, entendida a **liberdade como responsabilidade**, e não simplesmente como o direito de se fazer o que se quer. E insistimos, esta autonomia é sempre individual. E só é possível termos grupos e nações autônomas se os seus indivíduos forem autônomos. Um país só é moderno quando os seus cidadãos forem livres, e decidirem individual e coletivamente seus rumos.

E Kant insiste: o que nos leva a não sermos modernos, a não sermos livres, a não sermos autônomos? Em última instância, é a preguiça e a covardia; é o fato da maioria das pessoas preferir ser menor. “É tão cômodo ser menor”. **Tão cômodo atribuir a culpa aos outros quando as coisas não vão bem ou não dão certo**. É cômodo cumprir o que o outro manda, pois se, ao cumprirmos a lei, não der certo, a responsabilidade é de quem mandou fazer assim, e não minha. **É cômodo ser dependente**. Bem mais difícil do que ser independente, responsável. Isso exige coragem. Por isso, Kant diz que **é preciso coragem para alguém**

**ser moderno:** “Ter coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do Esclarecimento”. Como exemplo, podemos mencionar: o carrasco nazista que matou milhares de pessoas e, ao ser julgado, diz: “eu sou inocente, porque simplesmente cumpri ordens”. E Kant responderia: “nenhuma inocência, pois você é responsável por ter obedecido ao comando, quando poderia ser autônomo e não ter obedecido à lei, que não foi lei sua. Mas se você obedece à lei é como se a tivesse assumido como sua lei. E por isso você é responsável”.

Não se precisa, porém, ir tão longe, basta pensarmos em nossa vida cotidiana, na família, na empresa, nas relações entre governantes e governados. Como é fácil sempre atribuir a responsabilidade aos outros, e como é difícil assumir a própria responsabilidade! Como é fácil sempre atribuir a responsabilidade por tudo o que acontece no país ao Estado, aos governantes, ao serviço público, e não ao conjunto dos indivíduos que constituem uma nação! Como é fácil também atribuir toda a responsabilidade aos cidadãos, ou a uma classe social (ou à classe dirigente, ou à classe mais pobre), sem reconhecer que a situação também se deve aos governantes e aos servidores públicos!

Esta é, portanto, a marca da modernidade: ser responsável, tendo a coragem de correr o risco de pensar, de estabelecer a lei, incluindo-se também o risco de errar. Mas se eu erro e assumo o erro, sou capaz de mudar, de me transformar. E isso faz parte da autonomia. **O autônomo é sempre também um autocrítico**, alguém capaz de se reconhecer como livre, e por isso, forte e fraco ao mesmo tempo, precário, e nunca definitivo no que sabe e no que é.

Nessa perspectiva ou nesse modo de ser e de viver, pouco reconhecido por nós como “moderno”, Kant não deixa de mostrar uma tensão, a de que há uma dificuldade teórica e prática de sermos autônomos uns ao lado dos outros, de que existem dificuldades complicadas que devemos ter em conta para combinar a autonomia de um com a autonomia de outrem.

Devemos também compatibilizar a vida privada com a vida pública. Kant diz que na vida profissional, privada, devemos obedecer ao comando do chefe. Se não fizermos isso, não poderá

haver liberdade na vida pública... Há no texto elementos instigantes para discutirmos a **tensão entre a vida profissional e a vida do cidadão** como tal, inclusive para não confundirmos, como o fazemos atualmente, os direitos do cidadão com os direitos do consumidor, e nem a ética com a ética profissional. Em todo caso, o mais importante é assinalar como Kant define a modernidade e como entende a liberdade humana.

Ao fazê-lo, ele também diz ainda: **ser moderno é nunca alcançar totalmente a autonomia, mas é estar sempre ao encalço dela**. Da mesma forma, ser livre para ele é nunca estar totalmente livre, mas é sempre estar aberto para a mudança responsável de si mesmo.

Aproveitamos também para repetir o seguinte: esta concepção de modernidade como busca constante de autonomia, aproxima-se da concepção socrática de filosofia, neste caso, um modo de vida, e não apenas uma forma de conhecer ou um conteúdo conhecido.

*Na parte final desta Unidade discutiremos novamente o conceito de Filosofia, e é conveniente ter presente esta apresentação do pensamento de Kant. Para esclarecer ainda mais a Filosofia Moderna, selecionamos para você uma parte do texto de Kant (1783): Resposta à pergunta: o que é Esclarecimento? Vale a pena “perder algum tempo” com a leitura atenta de algumas passagens deste breve e famoso texto!*



### Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento? de Immanuel Kant (1783)

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se

de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*].

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parcela dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha (*naturaliter maiorenes*), continuam no entanto de bom grado menores durante toda a vida. São também as causas que explicam por que é tão fácil que os outros se constituam em tutores deles. É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito de minha dieta, etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis. A imensa maioria da humanidade (inclusive todo o belo sexo) considera a passagem à maioridade difícil e além do mais perigosa, porque aqueles tutores de bom grado tomaram a seu cargo a supervisão dela. Depois de terem primeiramente embrutecido seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranquilas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerraram, mostram-lhes em seguida o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas. Ora, este perigo na verdade não é tão grande, pois aprenderiam muito bem a andar finalmente, depois de algumas quedas. Basta um exemplo deste tipo para tornar tímido o indivíduo e atemorizá-lo em geral para não fazer outras tentativas no futuro.

É difícil, portanto, para um homem em particular desvencilhar-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder. Preceitos e fórmulas, estes instrumentos mecânicos do uso racional, ou antes do abuso, de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpétua menoridade. Quem deles se livrasse só seria capaz de dar um salto inseguro mesmo sobre o mais estreito fosso, porque não está habituado a este movimento livre. Por isso

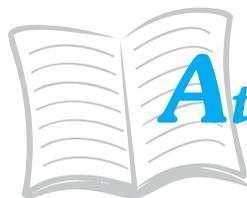
são muito poucos aqueles que conseguiram, pela transformação do próprio espírito, emergir da menoridade e empreender então uma marcha segura [...] (KANT, 2009).

Tendo e, conta o que escrevemos ao apresentar as fases da história da filosofia ocidental, podemos apresentar um esquema da história da racionalidade ocidental neste Quadro 1. Observe que em cada período histórico há uma idéia central, e há conceitos diferentes do ser humano, do conhecimento humano, do trabalho, da política, da ética e da própria história.

PERÍODOS HISTÓRICOS	IDADE ANTIGA (SÉC. V A.C – IV D.C)	IDADE MÉDIA (SÉC. V D.C – XVI)	IDADE MODERNA (SÉC. XVI – XX)
Ideia básica (razão última)	<b>PHYSIS:</b> razão da natureza Agir é contemplação. Valem os princípios	<b>DEUS:</b> razão de Deus Agir é contemplação. Valem os princípios	<b>HOMEM:</b> razão do homem Natureza a dominar. Agir é fabricação. Prevalecem os resultados
Seres humanos	<b>Servos da natureza</b> Livres e escravos	<b>Servos de Deus</b> Iguais entre si e irmãos da natureza	<b>Senhores de si (eu sou),</b> da natureza e de Deus Livres e iguais pela razão
Verdade	<b>Adequação do sujeito ao objeto</b> Objetivismo	<b>Adequação do sujeito ao objeto</b> Objetivismo	<b>Construção (Kant) ou representação</b> Subjetivismo
Saber mais importante	Mito e Filosofia Contemplação da natureza – Ócio	<b>Teologia</b> Contemplação de Deus – Fé	<b>Ciência e Tecnologia</b> Produção humana. Fruto do trabalho
Trabalho	<b>Atividade de escravos</b> (negativo)	<b>Castigo devido ao pecado</b> (negativo)	<b>Ação autocriadora</b> Homem – senhor de si e da natureza (positivo)
Política e ética	<b>Atividade natural</b> Só na <i>pólis</i> se realiza a ética	<b>Cidade dos homens</b> Separação entre política e moral. Política = mal	<b>Atividade artificial</b> Política: mal necessário (e passageiro). Separação entre ética e política
História	<b>Fisio-lógica</b> Eterno retorno do mesmo	<b>Teo-lógica</b> Início e fim em/ com Deus	<b>Antropo-lógica</b> Início com homem. Progresso (processo)

Quadro 1: Esquema da História da Racionalidade Ocidental  
Fonte: Elaborado pelo autor

Não se procurou caracterizar aqui o **período contemporâneo** (o das “várias vozes da razão” – segundo Habermas; para outros, o da des-razão), período em que parece abrir-se mão da convicção de que seja necessário haver um único fundamento. Terminou o otimismo histórico! Para uns, mais pessimistas, a modernidade acabou – e por isso falam de pós-modernidade. Para outros, como Habermas, a modernidade é um projeto inacabado. Para estes, a modernidade continua, embora assinalem que tudo se tornou mais precário, menos seguro, mais aberto. Todos reconhecem a crise: período em que já não se dispõe de chão firme e igual para todos. Sabe-se que “o velho morreu e o novo ainda não consegue nascer” (Gramsci). E na crise tudo parece ser possível.



## Atividades de aprendizagem

Depois de termos feito esta apresentação da história da filosofia, separamos algumas questões para você exercitar. Caso encontre dúvidas, volte, releia o material e se necessário não hesite em conversar com seu tutor.

1. Identifique as grandes características de cada período histórico da filosofia, tendo por base a ideia de que os antigos são fisiocêntricos, os medievais são teocêntricos e os modernos são antropocêntricos.
2. Em que medida poderíamos dizer que hoje em dia há pessoas que vivem de modo antigo, de modo medieval, ou de modo moderno? Faça-o com exemplos.
3. Há diferença entre o conceito kantiano de modernidade, apresentado ao falar de Iluminismo, e o conceito que normalmente temos de modernidade? Qual é a diferença?
4. Falamos cada vez mais em “crise da modernidade”, ou em “pós-modernidade”? O que se pode entender com essas expressões? De que forma elas mostram algo que se percebe como presente na vida prática das pessoas?

# SÓCRATES E PLATÃO: UM CONFRONTO ENTRE DOIS MODOS DE ENTENDER A FILOSOFIA

Dando continuidade à nossa discussão sobre o que é Filosofia, esse tópico apresenta a você, estudante, duas concepções de filosofia, ambas presentes na obra de Platão. Uma é representada por Sócrates, no texto *O Banquete*, e outra pelo próprio Platão, no seu livro *A República*. Leia com atenção e busque situar-se e participar do confronto.

Ao final desta Unidade, voltamos a discutir o que é Filosofia. Fazemo-lo retornando ao pensamento grego e tendo em consideração dois autores, mestre e discípulo: Sócrates e Platão. Ambas as concepções de Filosofia estão presentes na obra deixada por Platão. Uma concepção aparece nos “diálogos socráticos”, como *O Banquete*; outra, nos “diálogos platônicos”, mais especificamente na obra mais marcante da teoria platônica, *A República*. Esta leitura tem em conta que, no conjunto da obra de Platão, os primeiros livros (ou “diálogos”, já que todos os textos, com uma única exceção, aparecem como diálogos entre diferentes pessoas, tendo sempre Sócrates como o personagem principal) representariam o pensamento de Sócrates, e os outros, da fase mais madura, identificariam o pensamento de Platão.

Por isso, há na obra de Platão duas maneiras de entender a Filosofia: a de **Sócrates**, para quem **filosofia é busca da sabedoria**, e é também, mais claramente, um modo de viver, e

não só de saber; e a de **Platão**, para quem a Filosofia é o **encontro da sabedoria**, tornando-se a filosofia uma verdade encontrada e conhecida; e aí ela se transforma em doutrina, com um determinado conteúdo. Veja na sequência mais detalhes sobre cada uma dessas concepções.

## A CONCEPÇÃO SOCRÁTICA DE FILOSOFIA: BUSCA DE SABEDORIA



### Saiba mais

### O Banquete



Representação de *O Banquete* de Platão.

Fonte: <<http://www.consciencia.org/bancodeimagens/albums/pictures4/>

normal\_platao-banquete.jpg>. Acesso em: 13 jun. 2008.

Se tem sentido dizer, como o faz o matemático e filósofo inglês Alfred Whitehead (1861-1947), que a história da filosofia ocidental é simplesmente uma série de comentários em notas ao pé da página da obra de Platão, [O Banquete](#) pode ser considerado um dos mais extraordinários textos da história do pensamento ocidental. Nele se discute o que é o Amor (*Eros*), e é ao discutir o que é o Amor que se discute o que é a Filosofia. Podemos, portanto, dizer que,

para Platão, a filosofia tem a ver com *Eros*. Filósofo sempre é alguém que ama; se não amar, não é filósofo. **Filósofo é quem busca, eroticamente, amorosamente, entender as coisas, o mundo**; é quem busca a verdade; é quem procura compreender o seu próprio eu, na relação com os outros no mundo, que é o lugar em que os seres humanos se encontram.

Atenção: filósofo não é quem já sabe ou possui a verdade, mas quem a procura, não desiste de a procurar.

O Amor (*Eros*) é filho de Poros, pai belo e bom, viril, resoluto, ardente, sempre criativo, feiticeiro maravilhoso, mago e sofista; e de Penúria, mãe rude, pobre, descalça, mendicante, sempre necessitada. O filho nascido desta relação é *Eros*, o Amor, ao mesmo tempo rico e pobre, autossuficiente e totalmente necessitado, mortal e imortal, belo e feio, e vive e morre a cada dia. Por isso, o Amor nunca é só indigente e nunca é só opulento. E a filosofia não é possível sem *Eros*. A filosofia é ser amante da sabedoria.

Leia e veja, acompanhando a beleza do texto e dando importância ao significado teórico e prático do conceito de filosofia como atitude amorosa, até mesmo erótica, este discurso feito por uma misteriosa mulher chamada Diotima, convidada por Sócrates a responder à pergunta “o que é o amor”, “quem é *Eros*”. É a única pergunta a que Sócrates diz que sabe responder... Trata-se, talvez, de uma das passagens mais extraordinárias da literatura e da filosofia ocidental.

### Filosofia e Amor

- De que pai, pergunto eu, e de que mãe nasceu ele (o amor)?
- É uma longa história, disse ela, mas mesmo assim vou lhe contar. Quando Afrodite nasceu, os deuses fizeram uma grande festa e entre os convivas estava Poros, o deus da Riqueza, filho do Engenho (*Métis*). No final do banquete, veio a Penúria (*Pênia*) mendigar, como sempre faz quando há alegria, e ficou perto da porta. Então, embriagado de néctar – pois vinho ainda não existia – Poros, o deus da Riqueza, entrou no jardim de Zeus e ali, vencido pelo torpor, adormeceu. Então Penúria, tão sem recurso de seu, arquitetou o plano de ter um filho de Poros e, deitando-se ao seu lado, concebeu Amor (*Eros*). Assim sucedeu que desde o princípio Amor serviu e assistiu Afrodite, por ter sido gerado no dia em que ela nasceu e ser, além disso, por natureza, um amante do belo, e bela é Afrodite.



#### Saiba mais

#### Eros



Eros e Psiché de Antonio Canova.

Fonte: [http://www.o.c.a.i.w.com/galleria\\_maestri/image.php?id=741&catalog=scul&start=&lang=pt](http://www.o.c.a.i.w.com/galleria_maestri/image.php?id=741&catalog=scul&start=&lang=pt)

&letter=&id\_img=1991&name>. Acesso em: 13 jun. 2008.

Ora, como filho de Poros e de Penúria, Amor está numa situação peculiar. Primeiro, é sempre pobre e está longe da suavidade e beleza que muitos lhe supõem: ao contrário, é duro e seco, descalço e sem teto; sempre se deita no chão nu, sem lençol, e descansa nos degraus das portas ou à margem dos caminhos, ao ar livre; fiel à natureza da mãe, vive na penúria. Mas herdou do pai os esquemas de conquista de tudo o que é belo e bom; porque é bravo, impetuoso, muito sensível, caçador emérito, sempre tramando algum estratagema; desejoso e capaz de sabedoria, a vida toda perseguindo a verdade; um mestre do malabarismo, do feitiço e do discurso envolvente. Nem imortal nem mortal de nascimento, no mesmíssimo dia está cheio de vida quando a sorte lhe sorri, para logo ficar moribundo e em seguida renascer de novo por força da natureza paterna: mas os recursos que obtém sempre se perdem; de modo que Amor nunca é pobre ou rico e, além disso, está sempre a meio caminho entre a sabedoria e a ignorância. A questão é que nenhum deus persegue a sabedoria ou deseja tornar-se sábio, pois já o é; e ninguém mais que seja sábio persegue a sabedoria. Nem o ignorante persegue a sabedoria ou deseja ser sábio; nisso, aliás, a ignorância é conflagradora: está satisfeita consigo mesma sem ser uma pessoa esclarecida nem inteligente. O homem que não se sente deficiente não deseja aquilo de que não sente deficiência.

– Quem então, Diotima – perguntei – são os seguidores da sabedoria, se não são nem os sábios nem os ignorantes?

– Ora, a esta altura mesmo uma criança poderia dizer – replicou ela – que são as pessoas de tipo intermediário, entre as quais se inclui Amor. Porque a sabedoria diz respeito às coisas mais belas e Amor é amor do belo; de modo que a necessidade de Amor tem que ser amiga da sabedoria e, como tal, deve situar-se entre o sábio e o ignorante. Pelo que, também, deve agradecer sua origem: pois se teve um pai sábio e rico, sua mãe é tola e pobre. Tal, meu bom Sócrates, é a natureza deste espírito. Que você tenha formado outro conceito de Amor não é surpreendente. Você supôs, a julgar por suas próprias palavras, que Amor fosse belo. O amável, com efeito, é

realmente belo, suave, perfeito e abençoado; mas o amante é diferente, como mostra o relato que fiz.

Ao que observei:

– Então, muito bem, senhora, tem razão. Mas se Amor é assim como descreve, que utilidade tem para o ser humano?

– Esta é a questão seguinte, Sócrates – retrucou – que tentarei esclarecer. Se Amor é de natureza e origem tais como relatei, é também inspirado pelas coisas belas, como diz. Agora, suponha que alguém perguntasse: Sócrates e Diotima, em que sentido Amor é o amor do belo? Mas deixe-me colocar a questão de forma mais clara: o que é o amor do amante do belo? [...]

– Nestes assuntos de amor até você, Sócrates, poderia eventualmente ser iniciado, mas não sei se entenderá os ritos e revelações dos quais eles não passam de intróito para os verdadeiramente instruídos. No entanto, vou lhes falar deles - disse ela - e não pouparei os meus melhores esforços. Apenas faça o possível da sua parte para acompanhar. Aquele que bem procede nesse campo deve não somente começar por frequentar belos corpos na juventude. Em primeiro lugar, de fato, se for bem orientado, deve amar um corpo em particular e engendrar uma bela conversa; mas em seguida vai notar como a beleza desse ou daquele corpo semelhante à de qualquer outro e que, se pretende buscar a ideia da beleza, é rematada tolice não encarar como uma só coisa a beleza que pertence a todos [...]. Seu próximo passo será dar um valor maior à beleza das almas do que à do corpo, de forma que, por menor que seja a graça de qualquer alma promissora, bastará para o seu amor e cuidado e para despertar e pedir um discurso que sirva à formação dos jovens. E por último pode ser levado a contemplar o belo que existe em nossos costumes e leis e observar que tudo isso tem afinidade, assim concluindo que a beleza do corpo é questão menor. Dos costumes pode passar aos ramos do conhecimento e aí também encontrar uma província da beleza. Vendo assim a beleza no geral, poderá escapar da mesquinha e miúda escravidão de

um único exemplo em que concentre como um servo todo o seu cuidado, como a beleza de um jovem, de um homem ou de uma prática. Dessa forma, voltando-se para o oceano maior da beleza, pode pela contemplação despertar em todo seu esplendor muitos e belos frutos do discurso e da meditação, numa rica colheita filosófica; até que, com a força e ascensão assim obtidos, vislumbra o conhecimento específico de uma beleza ainda não revelada. E agora peço que preste a maior atenção – disse ela.

Quando um homem foi assim instruído no conhecimento do amor, passando em revista coisas belas uma após outra, numa ascensão gradual e segura, de repente terá a revelação, ao se aproximar do fim de suas investigações do amor, de uma visão maravilhosa, bela por natureza; e esse, Sócrates, é o objetivo final de todo o afã anterior. Antes de mais nada, ela é eterna e nunca nasce ou morre, envelhece ou diminui; depois, não é parcialmente bela e parcialmente feia, nem é assim num momento e assado em outro, nem em certos aspectos bela e em outros feia, nem afetada pela posição de modo a parecer bela para alguns e feia para outros. Nem achará o nosso iniciado essa beleza na aparência de um rosto ou de mãos ou de qualquer outra parte do corpo, nem uma descrição específica ou num determinado conhecimento, nem existente em algum lugar em outra substância, seja um animal, a terra, o céu ou outra coisa qualquer, mas existente sempre de forma singular, independente, por si mesma, enquanto toda a multiplicidade de coisas belas dela participam de tal modo que, embora todas nasçam e morram, ela não aumenta nem diminui, e nem é afetada por coisa alguma. Assim quando um homem, pelo método correto do amor dos jovens, ascende desses particulares e começa a divisar aquela beleza, é quase capaz de captar o segredo final. Essa é a abordagem ou indução correta dos assuntos do amor. Começando pelas belezas óbvias, ele deve, pelo bem da mais elevada beleza, ascender sempre, como nos degraus de uma escada, do primeiro para o segundo e daí para todos os corpos belos; da beleza pessoal, chega aos belos costumes, dos costumes ao belo aprendizado e do aprendizado, por fim, àquele estudo

particular que se ocupa da própria beleza e apenas dela; de forma que finalmente vem a conhecer a essência mesma da beleza. Nessa condição de vida acima de todas as outras, meu caro Sócrates – disse a mulher de Mantinéia (Diotima) – um homem percebe realmente que vale a pena viver ao contemplar a beleza essencial [...] (PLATÃO, 2000, p. 28-30).

### Complementando.....

Para quem quiser ampliar seus conhecimentos na literatura universal sobre o amor leia o texto integral indicado a seguir:

- 📌 Tradução portuguesa de *O Banquete*, acessível em <[www.cfh.ufsc.br/~wfil/textos.htm](http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/textos.htm)>. Lembre-se que em grego existem três termos para referir-se ao amor: *eros*, de onde vem erótico; *philia*, amizade; e *agápe*, termo consagrado como amor cristão.

*Não fizemos mais comentários a respeito da obra de Sócrates porque estamos defendendo precisamente esta compreensão do que é filosofar e Filosofia. E este conceito estará presente também na Unidade 2 deste trabalho.*

## A CONCEPÇÃO PLATÔNICA DE FILOSOFIA: ENCONTRO DA SABEDORIA

Há também em Platão, na obra *A República*, uma outra concepção de Filosofia. Se em *O Banquete* a filosofia consiste em desejar a verdade, e procurar realizar este desejo, em *A República* se insiste em dizer que ela é a realização deste desejo, isto é, a posse da verdade, ou então, a Filosofia é a verdade. Nesta obra, Platão está preocupado em dar uma solução concreta e definitiva para os problemas vividos por Atenas, então dominada pela tirania e pela injustiça. Para uma *polis* marcada pelos conflitos, pela violência, a única solução segura e definitiva é alcançar uma verdade

universal, neutra, independente de qualquer interesse de parte. E, uma vez alcançada teoricamente tal verdade, que deve ser objetiva e única – e não pode ser qualquer uma, nem simples questão de preferência ou de opinião – finalmente pô-la em prática. Se não for possível alcançar uma verdade assim, neutra, objetiva, igual para todos, não há solução para nenhum problema ético ou político. Insistamos: Platão não só diz que precisamos alcançar uma verdade universal e neutra, acima do interesse de todas as pessoas, mas que é possível alcançarmos esta verdade na teoria. Temos aqui a apresentação do conhecido tema/problema da relação entre teoria e prática: o que deve vir primeiro? Qual a resposta de Platão?

Ele não só diz que é possível e é preciso alcançar a verdade na teoria, mas também que é preciso e é possível pôr esta verdade em prática. E só assim, incluindo os aspectos teórico e prático, temos possibilidade de resolver os problemas, de maneira definitiva. O texto mais conhecido e literariamente mais brilhante que apresenta esta solução é a passagem de *A República*, do Livro VII, chamada **Alegoria da Caverna**.

*Leia o texto que está apresentado em forma de diálogo e na sequência veja o comentário que fizemos sobre o mesmo.*

### A Alegoria da Caverna

Sócrates – Agora leva em conta nossa natureza, segundo tenha ou não recebido educação<sup>2</sup> e compara-a com o seguinte quadro: imagina uma caverna subterrânea, com uma entrada ampla, aberta à luz em toda sua extensão. Lá dentro, alguns homens se encontram, desde a infância, amarrados pelas pernas e pelo pescoço de tal modo que permanecem imóveis<sup>3</sup>

---

2. A educação é um tema essencial de *A República*. A reforma da cidade pressupõe uma forma da educação, em particular dos futuros filósofos que assumirão a direção da Cidade. Esta educação consiste em libertar a alma da prisão e da obscuridade da opinião comum.

3. Homens prisioneiros na caverna: essa é a nossa condição quando prisioneiros de nossos sentidos. Os impulsos estão como que imobilizados pela certeza de que a realidade não é outra coisa senão a que nos apresenta os sentidos (realidade sensível) e pela ilusão de que a felicidade e o bem se reduzem aos prazeres experimentados graças a esses sentidos.

e podem olhar tão somente para a frente, pois as amarras não lhes permitem voltar a cabeça. Num plano superior, atrás deles, arde um fogo a certa distância. E entre o fogo<sup>4</sup> e os prisioneiros eleva-se um caminho ao longo do qual imagina-se que tenha sido construído um pequeno muro semelhante aos tabiques que os titeriteiros interpõem entre si e o público a fim de, por cima deles, fazer movimentar as marionetes.

Glauco – Posso imaginar a cena.

Sócrates – Imagina também homens que passam ao longo desse pequeno muro carregando uma enorme variedade de objetos<sup>5</sup> cuja altura ultrapassa a do muro: estátuas e figuras de animais feitas de pedra, madeira e outros materiais diversos. Entre esses carregadores há, naturalmente, os que conversam entre si e os que caminham silenciosamente.

Glauco – Trata-se de um quadro estranho e de estranhos prisioneiros.

Sócrates – Eles estão como nós. Acreditas que tais homens tenham visto de si mesmos e de seus companheiros outras coisas que não as sombras projetadas pelo fogo sobre a parede da caverna que se encontra diante deles?

Glauco – Ora, como isso seria possível se foram obrigados a manter imóvel a cabeça durante toda a vida?

Sócrates – E quanto aos objetos transportados ao longo do muro, não veriam apenas as suas sombras?

Glauco – Certamente.

Sócrates – Mas, nessas condições, se pudessem conversar uns com os outros, não supões que julgariam estar se referindo a objetos reais ao mencionar o que veem diante de si?

Glauco – Necessariamente.

---

4. Não confundir a luminosidade desse fogo – situado a certa altura, por detrás dos prisioneiros, “no interior” da caverna – com a luz do sol, iluminando o dia, no exterior da caverna. A entrada da caverna está bem aberta à luz do dia “em toda a sua extensão”, mas esta abertura é demasiado elevada e afastada do fundo da caverna para iluminar e projetar as sombras das marionetes.

5. Objetos fabricados – contrariamente às realidades naturais que o prisioneiro libertado verá à luz do dia.

Sócrates – Supões também que houvesse na prisão um eco vindo da frente. Na tua opinião, cada vez que falasse um dos que passavam atrás deles, não acreditariam os prisioneiros que quem falava eram as sombras projetadas diante deles?

Glauco – Sem a menor dúvida.

Sócrates – Esses homens, absolutamente<sup>6</sup>, não pensariam que a verdadeira realidade pudesse ser outra coisa senão as sombras dos objetos fabricados?

Glauco – Sim, forçosamente.

Sócrates – Imagina agora o que sentiriam se fossem libertados de seus grilhões e curados de sua ignorância<sup>7</sup>, na hipótese de que lhes acontecesse, muito naturalmente<sup>8</sup>, o seguinte: se um deles fosse libertado e subitamente forçado a se levantar, virar o pescoço, caminhar e enxergar a luz, sentiria dores intensas ao fazer todos esses movimentos e, com a vista ofuscada, seria incapaz de enxergar os objetos cujas sombras ele via antes. Que responderia ele, na tua opinião, se lhe fosse dito que o que via até então eram apenas sombras inanes e que, agora, achando-se mais próximo da realidade, com os olhos voltados para objetos mais reais, possuía visão mais acurada<sup>9</sup>? Quando, enfim, ao ser-lhe mostrado cada um dos objetos que passavam, fosse ele obrigado, diante de tantas perguntas, a definir o que eram, não supões que ele ficaria embaraçado e

---

6. A ilusão obstinada do senso comum considera como única realidade a que se vê ou se conhece por meio dos cinco sentidos e julga “absolutamente” impossível que possa existir outra. Do mesmo modo, os prisioneiros da caverna, não podendo voltar-se para trás, não suspeitam que possa existir uma outra realidade senão a que veem e “necessariamente” (como responde Glauco) pensam que a realidade existente é unicamente a que veem. A opinião é tanto mais certa de si mesma quanto mais afastada se encontra da verdade.

7. Literalmente, “de sua falta de sabedoria”, “de sua loucura”. Assim como São Paulo dirá que “A sabedoria dos homens é loucura aos olhos de Deus e que a sabedoria de Deus é loucura aos olhos dos homens” Platão diz, de alguma forma, que “A sabedoria dos homens é loucura aos olhos do sábio e que a sabedoria do sábio é loucura aos olhos dos homens”.

8. “Muito naturalmente” – talvez porque a alma é, por natureza, assemelhada à região divina e chamada a liberar-se do corpo e do mundo sensível. Mas, para que o consiga e, assim, contemple as ideias e o Bem, isso não se pode fazer sem sofrimento, sem a ascensão do desprendimento ao corpo. Isso só pode ser feito progressivamente, como vai ser sublinhado em seguida.

9. A contemplação das figuras ou das marionetes, isto é, dos objetos cujas sombras o fogo projeta sobre a parede da caverna, não é ainda a contemplação das ideias e dos seres verdadeiros do mundo inteligível. Ela constitui um estágio intermediário entre a opinião e a ciência, ao que Platão chama, a propósito, de “opinião correta” (cf. Ménon), que corresponde na imagem da linha do livro VI (cf. introdução p. 35) ao grau intermediário entre a imaginação e a ciência: a crença.

consideraria que o que contemplava antes era mais verdadeiro do que os objetos que lhe eram mostrados agora?

Glauco – Muito mais verdadeiro.

Sócrates – E se ele fosse obrigado a fitar a própria luz, não acredita que lhe doeriam os olhos e que procuraria desviar o olhar, voltando-se para os objetos que podia observar, considerando-os, então, realmente mais distintos do que aqueles que lhe são mostrados?

Glauco – Sim.

Sócrates – Mas, se o afastassem dali à força, obrigando-o a galgar a subida áspera e abrupta e não o deixassem antes que tivesse sido arrastado à presença do próprio sol, não crês que ele sofreria e se indignaria de ter sido arrastado desse modo? Não crês que, uma vez diante da luz do dia, seus olhos ficariam ofuscados por ela, de modo a não poder discernir nenhum dos seres considerados agora verdadeiros?<sup>10</sup>

Glauco – Não poderia discerni-los, pelo menos no primeiro momento.

Sócrates – Penso que ele precisava habituar-se, a fim de estar em condições de ver as coisas do alto de onde se encontrava. O que veria mais facilmente seriam, em primeiro lugar, as sombras; em seguida, as imagens dos homens e de outros seres refletidas na água e, finalmente, os próprios seres. Após, ele contemplaria, mais facilmente, durante a noite, os objetos celestes e o próprio céu, ao elevar os olhos em direção à luz das estrelas e da lua – vendo-o mais claramente do que ao sol<sup>11</sup> ou à luz durante o dia.

Glauco – Sem dúvida.

Sócrates – Por fim, acredito, poderia enxergar o próprio sol – não apenas sua imagem refletida na água ou em outro lugar –, em seu lugar, podendo vê-lo e contemplá-lo tal como é.

---

10. Estamos, no momento, no exterior da caverna, em pleno dia, em presença de seres verdadeiros e não mais de suas reproduções pelas marionetes cujas sombras eram vistas pelos prisioneiros.

11. Platão tem a preocupação de mostrar a progressão na descoberta do mundo superior, que vai das realidades menos luminosas às mais luminosas. Assim, os olhos se elevam.

Glauco – Necessariamente.

Sócrates – Após, passaria a tirar conclusões sobre o sol, compreendendo que ele produz as estações e os anos; que governa o mundo das coisas visíveis e se constitui de certo modo<sup>12</sup>, na causa de tudo o que ele e seus companheiros viam dentro da caverna.

Glauco – É evidente que chegaria a estas conclusões.

Sócrates – Mas, lembrando-se de sua habilitação anterior, da ciência da caverna que ali se cultivava e de seus companheiros de cativeiro, não ficaria feliz por haver mudado e não lamentaria por seus companheiros?

Glauco – Com efeito.

Sócrates – E se entre os prisioneiros houvesse o costume de conferir honras, louvores e recompensas àqueles que fossem capazes de prever eventos futuros<sup>13</sup> – uma vez que distinguiriam com mais precisão as sombras que passavam e observariam melhor quais dentre elas vinham antes, depois ou ao mesmo tempo –, não crês que invejaria aqueles que as tivesse obtido? Crês que sentiria ciúmes dos companheiros que, por esse meio, alcançaram a glória e o poder, e que não diria, endossando a opinião de Homero, que é melhor “lavar a terra para um camponês pobre”<sup>14</sup> do que partilhar as opiniões de seus companheiros e viver semelhante vida?

Glauco – Sim, na minha opinião ele preferiria sustentar esta posição a voltar a viver como antes.

---

12. O sol (o Bem) é, “de uma certa maneira”, a causa de tudo o que existe no mundo visível: O Bem é a causa de tudo o que, no mundo visível, reflete o mundo inteligível e, portanto, tende para o Bem e uma certa perfeição, mas não é a causa do que, no mundo sensível, é mal, materialidade informe refratária ao ordenamento do bem (cf. República 379 b): “Deus, por ser bom, não é a causa de tudo, como se diz comumente. Para o que há de bom Ele é o único autor, mas para o que há de mal é preciso encontrar a causa fora de Deus.”

13. Esta é a ciência que se cultivava na caverna, isto é, em nosso mundo. É ela baseada em conjeturas tiradas da experiência e da repetição dos acontecimentos. A partir de tal repetição, pode-se, por exemplo, adivinhar o futuro com certa margem de segurança.

14. Odisseia, XI – V, 485-490. Quando Ulisses visita o inferno e vê a sombra de Aquiles reinar, como um príncipe, sobre os mortos, lhe diz: “Vejo-te exercer o poder sobre os mortos. Para ti, Aquiles, a morte é sem tristeza”. Mas Aquiles responde: “preferiria estar entre os vivos, ainda que fosse para lavar a terra para um camponês pobre”. Observa-se, aqui, um paralelismo entre o mundo da caverna e o dos infernos.

Sócrates – Reflete sobre o seguinte: se esse homem retornasse à caverna e fosse colocado no mesmo lugar de onde saíra, não crês que seus olhos ficariam obscurecidos pelas trevas como os de quem foge bruscamente da luz do sol?

Glauco – Sim, completamente.

Sócrates – E se lhe fosse necessário reformular seu juízo sobre as sombras e competir com aqueles que lá permaneceram prisioneiros, no momento em que sua visão está obliterada pelas trevas e antes que seus olhos a elas se adaptem – e esta adaptação demandaria um certo tempo –, não acreditas que esse homem se prestaria à jocosidade? Não lhe diria que, tendo saído da caverna, a ela retornou cego e que não valeria a pena fazer semelhante experiência? E não matariam<sup>15</sup>, se pudessem, a quem tentasse libertá-los e conduzi-los para a luz?

Glauco – Certamente (PLATÃO, 1989).

A situação inicial da Alegoria da Caverna é que todos os seres humanos aparecem presos a correntes no fundo de uma caverna. De repente, não se diz porquê, alguém se liberta e começa a caminhar para fora, indo gradualmente, enfrentando dificuldades, na direção do Sol. Encontra-o. Contempla-o. É capaz, com as peripécias pelas quais passou, de olhar para o Sol, depois de ter passado por experiências de cegueira. Vai educando, passo a passo, seu olho para uma luz cada vez maior. Visto o Sol, volta para a caverna para dizer o que viu, e para governar os que ficaram na caverna, que não o aceitam. E quem viu o Sol, por mais que se sinta impelido a compartilhar o que viu, tornando-se o administrador-mor dos cavernícolas, deixa a caverna e se contenta depois em viver contemplando o Sol, de quem se sente um privilegiado predestinado. Em síntese, é a estória.

Façamos alguns comentários, para ver como o texto tem um **aspecto político e ético** (quem deve ser o governante): tem uma **dimensão pedagógica** (mostra o roteiro a seguir para a educação,

---

15. Alusão evidente à morte de Sócrates.

e como alguém pode chegar a conhecer a verdade e os passos que deve seguir para isso) e tem um **aspecto teórico**, mostrando o que é a verdade (*episteme*, em grego) e qual a diferença com a opinião (*doxa*, em grego). Neste caso, quem fica na caverna se mantém na sombra mutável da opinião, e quem de lá sai, chega a uma verdade objetiva, neutra, universal, única, imutável.

A condição inicial é que todos são iguais: todos, no fundo da caverna, presos. E um se solta: nem se diz se é alguém que se solta ou alguém que é solto, não se sabe por quem. Isso tem a ver com a teoria de Platão, para quem, além de haver homens que nascem escravos e outros livres, há entre os livres homens de ouro, de prata e de bronze. Na sociedade, os homens de bronze são os que cuidam da produção e do comércio e os artesãos. A grande virtude deles deve ser o comedimento. Os homens de prata são os soldados, cuja virtude deve ser a coragem. E os homens de ouro são os governantes, que Platão chama de “administradores”. O governante é, pois, um administrador público!

Do ponto de vista do conhecimento, os homens de ouro são os filósofos, enquanto os outros só chegam à música, à ginástica, à matemática, à geometria...

Portanto, **o filósofo** é quem foi chamado (tem vocação para...) para sair da caverna, e de repente ele consegue desvencilhar-se das correntes e sai. Só ele. Os outros continuam presos, mesmo sem saber que estão presos, muito menos porque estão presos. Quem começa a sair enfrenta muitas dificuldades e vai sendo surpreendido pelas novidades a que vai ao encontro, com sofrimentos. Ele fica cego toda vez que muda a intensidade da luz, mas educa seu olho, se acostuma a uma luz cada vez mais intensa, até que dá de cara diretamente com a fonte de toda luz, e com a fonte de toda realidade, que é o Sol, que representa a razão última, o princípio primeiro ou último de todas as coisas. O Sol representa, portanto, a origem de toda a realidade, ao mesmo tempo que é a Realidade. E o filósofo, que agora se torna filósofo, contempla, deixando-se dominar pelo

Sol. É o Sol que diz quem é o Sol. O filósofo deve escutar, ouvir, olhar, ver. Ser objetivo. Estar atento. Comparando com o que dissemos antes, **o filósofo não só busca a sabedoria, mas aqui aparece como alguém que alcança a sabedoria, a ciência, a verdade.** Ele observa o Sol, atentamente. Objetivamente. Renuncia a toda opinião própria, a todo interesse individual. Nada depende aqui da opinião, como continuam dependendo os que estão na caverna. Tudo passou a depender do Sol. E o Sol é a Razão por excelência.

E é quando ele chega a ver o Sol que, finalmente, entende que as sombras da caverna têm origem naquele, mas que são apenas sombras. Mas também entende que as plantas, todas as coisas pelas quais passou até chegar ao sol, devem sua existência ao sol, que as gerou e as continua sustentando. Neste momento ele passa a entender também outra coisa importante. **Que ele conseguiu ver as coisas**, as plantas, os objetos, inclusive as sombras na parede da caverna **porque o Sol as ilumina.** Se não houvesse Sol fora dele, filósofo, ele nada conseguiria ver com seus olhos na sua frente, pois as coisas não seriam visíveis. Portanto, a origem do conhecimento não residia nele, não era subjetiva, mas estava no Sol, logo tinha fundamento objetivo. A verdade não nasce de quem conhece, mas da realidade conhecida. A verdade não é, pois, subjetiva, mas objetiva (isto é, depende do objeto).

Neste momento, ele também compreende porque na caverna se briga, pois as sombras vão mudando, enquanto o Sol tem sempre a mesma intensidade e luz, e não muda, fazendo com que a verdade também se torne imutável, clara. Se todos se submetessem ao Sol, renunciando às meras opiniões, obviamente todos estariam de acordo entre si e os conflitos acabariam. Mas lembremos: Platão defende que nem todos têm esta capacidade igual de conhecer. Há pessoas com competências diferentes. Até parece que somos muito platônicos também, diga-se de passagem!

Nesse momento ele também percebe que precisa **voltar à caverna** e contar aos cavernícolas que ele finalmente entendeu a realidade e encontrou a solução de todos os problemas que existem na caverna, ou seja, na vida do dia a dia de todos nós. Bem que ele

poderia voltar à caverna e convidar todos a saírem dela, mas ele não o faz, pois sabe que isso não tem sentido: os outros não nasceram com a mesma capacidade. Assim, ele volta à caverna, se reapresenta, e procura dizer, a quem ficou por lá, o que viu, convencendo-os ao mesmo tempo de que devem ouvi-lo e, sobretudo, de que devem obedecer-lhe para que, finalmente, acabem todos os conflitos entre os cidadãos. É óbvio que Platão – ao escrever *A República* e ao apresentar como metáfora da cidade uma caverna – está pensando na sua querida Atenas que, anos antes, havia injustamente condenado à morte seu grande mestre e amigo Sócrates. **Platão queria dar uma solução ao problema político e ético vivido na sua comunidade**; queria colaborar para que se tivesse um conceito seguro de justiça, que não dependesse mais das opiniões aleatórias dos sofistas, dos governantes de plantão (um tio de Platão foi um dos trinta tiranos que condenou Sócrates à morte!) e dos cidadãos em conflito. Em suma, Platão queria tornar Atenas uma *polis justa*, criando racionalmente uma sociedade ideal, uma **sociedade perfeitamente bem administrada**.

Quando o filósofo volta à caverna, porém, não acontece o que ele esperava e desejava: os da caverna consideram-no um louco, um pretensioso, um prepotente, pois não entendem o que ele diz e por que motivo, em base a quê, pleiteia ser o administrador da caverna, ou da cidade que ele quer. E nem o podem entender, pois para entender o que ele agora sabe, todos precisariam ir até o Sol e conhecerem também a essência das coisas. E por que não o fazem? Simplesmente porque a natureza não os destinou para isso. Eles nasceram para ser felizes sendo homens de “prata” e de “bronze”, e só podem viver bem se forem bons na sua profissão, mas nunca se quiserem “meter-se” em funções “indevidas”.

*Você pode estar se perguntando: Mas então como fazer?*

O diálogo com os da caverna praticamente se tornou impossível. Só uma aceitação pura e simples do filósofo, do que ele

mandasse fazer, faria com que a verdade fosse posta em prática. Insista-se: a tese de Platão é que **o único bom governante é o filósofo, o sábio.**

Esta é a tese de Platão. [Hannah Arendt](#) a critica duramente dizendo que a política nunca se deve basear na verdade, mas sempre se deve basear na opinião. Ela diz que toda vez que a política se baseia na verdade, se cai no totalitarismo. Ou melhor, que toda vez que um governante acha que sabe a verdade e a põe em prática simplesmente, pela obediência dos cidadãos, se cai na violência.

**Atualizando a tese platônica, hoje diríamos que o único bom governante é o cientista ou o técnico especializado.** Um ignorante não pode ser bom governante – para entendermos melhor do que se está falando e de como os temas filosóficos são atuais, façamos também nós a pergunta: qual a relação entre o conhecimento e a capacidade de ser um bom político?

Fazendo um paralelo entre a tese platônica e a realidade que nós mesmos vivemos, parece que, em geral, somos “platônicos”, pois muitas vezes repetimos o argumento de Platão: que o melhor ministro da economia é um economista, ou que, em geral, o melhor político seria sempre um técnico, um especialista, e que o governante, o presidente deveria ser aquele que entende de tudo, compreende o Todo, como o filósofo de Platão, que ele fosse a pessoa mais competente, mais inteligente. Comparemos e pensemos em como a opinião pública brasileira comparou e compara, nestes últimos anos, Fernando Henrique Cardoso – que não cansava de se apresentar e de ser apresentado como intelectual competente – e Luiz Inácio Lula da Silva – que tantas vezes foi e é apresentado como incapaz de ser governante ou bom político por não ter diploma universitário. Acreditando nele, apostando no filósofo, obedece a ele, cegamente. Mas os cavernícolas não o fazem. Por que não? Como fazer com que percebam que de fato o filósofo quer o bem comum, o bem de todos, e que alcançou a verdade que, posta em prática, trará a solução para todos?

Eis o problema. Um problema fundamental, que tem a ver com a relação entre a verdade e o bem.



Fonte: <[http://www.uni-oldenburg.de/presse/mit/2006/fotos/025\\_arendt-hannah-xx-xx.jpg](http://www.uni-oldenburg.de/presse/mit/2006/fotos/025_arendt-hannah-xx-xx.jpg)>. Acesso em: 25 jun. 2008

*Será que se pode sustentar como verdadeira esta tese platônica: de que só faz o bem quem sabe? De que pôr em prática a verdade necessariamente resultará em bem para todos? Ou então: de que, necessariamente, aquele que sabe sempre fará o bem? Qual é a vinculação entre saber a verdade e praticar o bem? Pode alguém ser inteligente e não ser bom, fazendo o mal? Um cientista, quando põe a verdade científica em prática, necessariamente faz o bem? Competência científica é garantia de bem? Se for assim, toda pessoa ignorante faz o mal, inevitavelmente. De fato, Platão declara que o mal é fruto da ignorância. Só da ignorância. Deste modo, nunca alguém seria mau de má-fé.*

De fato, os da caverna, diante da pretensão do filósofo de mandar neles, ficando ali dentro, ameaçam ele de morte. Por mais que consigamos compreender que a solução perfeita de todos os problemas consiste em pôr em prática a verdade – é impossível haver argumento para provar que o filósofo não tenha a razão – o problema é não se conseguir pôr em prática a verdade. Os da caverna não colaboram para tal, não obedecem ao comando, ao administrador do Sol, que veio pôr em prática a Verdade, comandado pelo Sol, e não por interesse próprio.

*Não é o que em geral dizemos também nós: que o problema reside em não pormos em prática a verdade?*

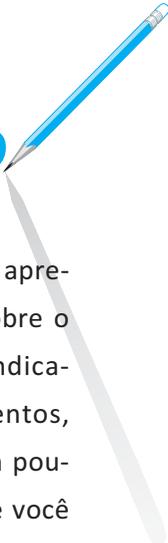
**Então sendo o filósofo o único que entende a verdade, possuindo-a, também será o único que a poderá pôr em prática;** para isso, na política, é imprescindível que os outros, homens de “prata” e de “bronze”, os não filósofos, os ignorantes no caso, lhe obedeam. Se isso não acontecer, necessariamente a *polis* continuará sendo conflituosa e violenta.

Se os de bronze quiserem saber das coisas e decidir as coisas, irão errar, serão injustos, criarão conflitos. Importa que cada um faça aquilo para o qual a Natureza os destinou. Tudo tem que funcionar hierarquicamente. Com tudo bem organizado, cada um na sua função, com competência, o todo estará perfeito. Portanto, nada de democracia, de perguntar a todos qual a solução. A solução só pode ser dada por especialistas, por bons administradores, que são os ministros (=serviçais) da verdade e da essência da realidade.

Mais um comentário para concluirmos esta Unidade: depois de termos discutido o conceito de Filosofia de várias maneiras, e tendo em conta os dois conceitos presentes na obra de Platão, que revelam duas maneiras de se vincular a teoria com a prática, e também duas maneiras de vincular a Filosofia com a Política e a Ética, vamos continuar refletindo, propondo o que diz um filósofo moderno como Kant sobre a tese de Platão. Eis a passagem claramente crítica ao pensador grego:

Não é de esperar nem também de desejar que os reis filosofem ou que os filósofos se tornem reis, porque a posse do poder prejudica inevitavelmente o livre juízo da razão. É imprescindível, porém, para ambos que os reis ou os povos soberanos (que se governam a si mesmos segundo as leis da igualdade) não deixem desaparecer ou emudecer a classe dos filósofos, mas os deixem falar publicamente para a elucidação dos seus assuntos, pois a classe dos filósofos, incapaz de formar bandos e alianças de clube pela sua própria natureza, não é suspeita da deformação de uma propaganda (KANT, Immanuel. *A paz perpétua*. In: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa, Edições 70, 1988, p.150–1).

# Resumindo



Chegamos ao final desta Unidade certos de que apresentamos um panorama bastante vasto, mas breve, sobre o que é filosofia. Recomendamos que você visite as indicações do *Saiba mais* para aprofundar seus conhecimentos, mas sobretudo procure aceitar o desafio de refletir um pouco mais, sem receio dos problemas que aparecerem. Se você ficou em dúvida com alguma questão apresentada, busque auxílio junto ao Sistema de Acompanhamento. É muito importante entrar em contato direto com os textos clássicos dos filósofos, lendo-os diretamente e não ficar só com os comentaristas. Mesmo que ainda nos falte maior acesso a boas traduções dos textos clássicos, recomendamos vivamente aos interessados que recorram às qualificadas traduções publicadas, em vários volumes e edições, na Coleção *Os Pensadores*, da Editora Nova Cultural, de São Paulo. Há também outras traduções, mais ou menos qualificadas, em coletâneas ou não, e com preços mais acessíveis. Há também um acesso gratuito a algumas traduções na Internet.



## Atividades de aprendizagem

Para se certificar de que você entendeu a discussão apresentada ao longo do texto, responda às perguntas propostas. É muito importante que você não apenas compreenda o que é afirmado e discutido no texto, mas que procure também pensar por sua própria conta e risco.

1. Procure descrever a distinção entre o conceito socrático e o platônico de filosofia, e indique quais são as consequências práticas de cada um dos conceitos na vida de um administrador público.
2. O que podemos pensar a respeito da tese de Platão de que o melhor governante é quem sabe mais? Qual é, afinal, a relação entre verdade e bem, entre saber a verdade e fazer o bem? Quem sabe mais será necessariamente um governante melhor?
3. Platão defende que a sociedade ou instituição perfeita é sempre aquela em que vigora e é respeitada uma hierarquia, comandada por aquele que sabe mais, enquanto outros defendem maior igualdade e democracia. Quais são os argumentos de Platão a favor da hierarquia, e como estes argumentos podem e devem ser vistos na administração pública?